BILHETES CONVENIENTES

QUESTÕES DOUTRINÁRIAS
À LUZ DO ESPIRITISMO

Jorge Hessen

2014

Data da publicação: 04 de julho de 2012

CAPA: Irmãos W.
REVISÃO: Irmãos W.
PUBLICAÇÃO: www.autoresespiritasclassicos.com
São Paulo/Capital
Brasil

Dedicatórias

Conhecem-se os legítimos idealistas pelas coesas opiniões que enunciam e Jorge Hessen representa um aguerrido escritor espírita da atualidade. Através dos seus estudos e pesquisas tem o contribuído para a divulgação dos mandamentos do Cristo sob a perspectiva espírita, confortando os homens que ignoram a verdadeira finalidade da presente reencarnação.

(Irmãos W.)

Explicação preliminar

Jorge Hessen, escritor espírita, analisa temas da atualidade tendo como objetivo a difusão da Doutrina Espírita, destacando na medida do possível os ditames da reencarnação e da imortalidade da alma.

Seus artigos sugerem melhor entendimento da vida imortal e devem ser apreciados por pessoas que não se contentam com superficialidade da vida regida pela tirania do materialismo.

*

"O Espiritismo é uma doutrina de bom senso, de equilíbrio, de esclarecimento positivo dos problemas espirituais, e não de hipóteses sem base ou de suposições imaginosas".

Herculano Pires "Ciência Espírita"

*

Fontes da consulta
A Luz na Mente » Revista on line de Artigos Espíritas
http://jorgehessen.net/

E.mail de contacto do autor
jorgehessen@gmail.com

Índice

Apresentação do autor

Jorge Luiz Hessen nasceu no antigo Estado da Guanabara, atual Rio Janeiro, no dia 18 de agosto de 1951. Vive a vida inerente àqueles que vieram ao mundo a fim de despertar para um projeto mais alto, acima dos prazeres da Terra. Teve uma infância pobre, de pais separados, com mais dois irmãos. Na juventude teve seu primeiro contato com fatos da mediunidade através de uma incorporação de seu irmão mais novo. Ficou impressionado, pois sabia que o irmão seria incapaz de dissimular um fenômeno de tal magnitude. Aquele episódio o levaria, mais tarde, a chegar às portas dos princípios codificados por Allan Kardec.

Aos 20 anos de idade ingressou, por concurso, no serviço público, onde até hoje permanece. Foi durante 5 anos diretor do INMETRO no Estado de Mato Grosso. Executou serviços profissionais junto à Universidade de Brasília, durante 4 anos, na condição de coordenador de provas práticas de concursos públicos realizados pelo CESP.

Consorciou-se com Maria Eleusa aos 26 anos de idade. É pai de quatro filhos, sendo uma das filhas (a mais velha) portadora de lesão cerebral. Na maturidade da vida teve oportunidade de fazer cursos superiores. Possui a Licenciatura de História e Geografia pelo UniCEUB (Centro Universitário de Brasília).

Sua vida espírita nesses mais de 30 anos de Doutrina perfez conteúdos de muitas faculdades. Participou da fundação de alguns centros espíritas em Brasília e Cuiabá-MT, onde teve publicado, em 1991, o livro "Praeiro - Peregrino da Terra do Pantanal". Começou seu trabalho de divulgação ainda jovem em todo DF. Engajou como articulista espírita, tornando-se sólido esse fato em Cuiabá, quando publicava "Luz na Mente", um periódico que veio satisfazer o seu ideal na Divulgação Espírita.

Foi redator e diretor do Jornal "União da Federação Espírita"

do DF. Vinculado a vários órgãos divulgadores da Doutrina Espírita, a exemplo de "Reformador" da FEB, "O Espírita" do DF, "O Médium" de Juiz de Fora/MG e palestrante nos mais diferentes lugares de DF, tem a oportunidade de levar a mensagem espírita às cidades próximas de Brasília, como Anápolis, Cidade Ocidental e outras.

Sua diretriz inabalável continua sendo o compromisso de fidelidade a Jesus e a Kardec.

Maria Eleusa de Castro (esposa de Jorge Hessen)

Prefácio

A vaidade e a ambição levam muita gente a dar passos mais largos do que as pernas permitem. É o que hoje se vê, de maneira assustadora, no meio espírita. Multiplicam-se os casos de fascinação. Pessoas que podiam ser valiosas se transformam em focos de confusão e perturbação, com a sustentação de teorias absurdas que levam a doutrina ao ridículo. Por essa razão, evoco alguns arrazoados derivados da carruagem cultural daquele considerado “o metro que melhor mediu Kardec no Brasil”, Herculano Pires.

Dentre outros magistrais pronunciamentos contidos em "A Pedra e o Joio" (1) Herculano afirma que obra de Kardec não é pessoal, não é só dele. Era preciso alguém responder pela obra. O Professor Denizard Rivail, como se sabe, resolveu assumir essa responsabilidade e assinou-a com um pseudônimo: Allan Kardec, nome que havia possuído em encarnação anterior, quando sacerdote druida, entre os celtas. A obra é dos Espíritos Superiores da luminosa falange do Consolador ou Espírito da Verdade, que Jesus prometeu enviar à Terra quando os homens estivessem aptos para compreender a sua doutrina em essência.

A doutrina, portanto, não é de Kardec, mas dos Espíritos Superiores que a revelaram a Kardec. Não obstante, Kardec fez a sua parte, quer através das perguntas que fazia aos Espíritos, quer através dos comentários explicativos que escreveu em todos esses livros. Esses comentários foram sempre submetidos por Kardec ao exame dos Espíritos, que os aprovavam ou emendavam. Kardec submetia tudo ao exame da razão, realizando um trabalho de cerca de quinze anos, sempre assistido pelos Espíritos Superiores dirigidos pelo Espírito da Verdade.

Desde 1857, quando foi publicado O Livro dos Espíritos, até hoje, nenhum dos princípios do Espiritismo foi desmentido pela

Ciência ou pela Filosofia. Pelo contrário, todos eles têm sido sistematicamente confirmados por ambas. Quanto à Religião, nunca teve condições para contradizer o Espiritismo de maneira positiva, tentando sempre fazê-lo de maneira autoritária ou dogmática, sempre no interesse particular dos princípios de cada seita.

A Bíblia, livro religioso dos judeus, anunciou a vinda de Jesus. Os Evangelhos, que formam o livro religioso do Cristianismo, anunciaram a vinda do Espírito da Verdade. Os Espíritos Superiores que hoje se manifestam são unânimes em afirmar que Kardec foi o discípulo de Jesus enviado à Terra para realizar a codificação do Espiritismo, doutrina que representa a continuação histórica do Cristianismo e restabelece os ensinos do Cristo em espírito e verdade.

Quanto mais avança o conhecimento, mais se vão descobrindo as relações da obra de Kardec com as alegorias e simbologias religiosas da chamada Sabedoria Antiga, das mais velhas religiões da Índia, da China, do Egito, da Babilônia e assim por diante. Com tudo isso, o Espiritismo se confirma dia a dia como a doutrina do futuro.

Diante desse panorama positivo, qualquer obra que pretenda superar Kardec ou subestimar a Doutrina Espírita precisa ser submetida à prova do toque. E essa prova só pode ser feita de duas maneiras: de um lado, conferindo-se a pretensa superação com a obra de Kardec para verificar-se qual das duas está mais coerente e apresenta maior coesão, maior unidade e firmeza nos seus princípios; de outro lado, conferindo-se, como recomenda o próprio Kardec, os princípios da pretensa superação com as exigências do pensamento atual em todos os campos de nossa atividade mental.

São Paulo, 04 de julho de 2012
Irmãos W. e Jorge Hessen

Minha súplica através de uma filha especial

Na condição de pai a 33 anos de Karina, uma filhinha com deficiência mental severa, asseguro que ela tem sido o bondoso suporte espiritual para meus anseios de escritor espírita. Ela tem sido o arrimo de minha peregrinação doutrinária. Pelo fato dela existir escrevo artigos espíritas sugerindo sempre reflexões doutrinárias sobre diversos temas, alguns deles controversos.

Rogo licença ao amigo leitor para anotar, na sequência, uma incontida emoção que me envolveu quando inspirado pela oração me posicionei no lugar da Kakazinha, ela que naquele instante me admirava compenetrada com os seus amendoados olhos alegres, parecia agradecer-me por tudo e por todos os momentos que temos desfrutado nesta atual etapa de regeneração moral, pelas vias dos conhecimentos espíritas. Como se eu fosse a Karina orei na mais profunda comoção paternal:

"Senhor! Ante os descoordenados passos do meu caminhar e das minhas mãos inseguras quero rogar-te para os que me envolvem de amor.

Imploro-te a quietação para os que aguçam a audição a fim de escutar palavras que não consigo e nem sei articular, posto não ser fácil transformar em palavras os meus pensamentos encarcerados.

Venho implorar comiseração para os que se impregnam de paciência à frente dos vagarosos reflexos da minha mente confinada.

Senhor agradeço a presença daqueles que com um semblante feliz me estimulam a sorrir e a tentar fazer sempre mais uma vez tarefas que não consigo nunca fazer.

É magnífico Senhor, estar diante daqueles que jamais desistem de, ao meu lado, entoarem os sons harmoniosos da complacência, mesmo quando nada consigo ouvir.

É maravilhoso estar envolta na tolerância daqueles que, embora olhando, não veem a comida que eu deixo cair fora do prato.

Sou feliz por aqueles que nunca me lembram que hoje fiz a mesma pergunta mental milhares de vezes, embora me escutem espiritualmente porque sabem que sempre tenho algo a dizer.

Cubra com teu manto de luz os que transformam os pedregulhos da minha estrada em trilhos floridos e iluminados de esperança.

Por ser diferentes dos chamados normais, imploro pelos que me amam como sou, exatamente como sou, tão-somente como sou e não como eles gostariam que eu fosse.

De minha parte quero agradecer-te porque tenho certeza que depois desta situação carnal, na outra dimensão e nas outras encarnações, minhas pernas serão normais, minhas mãos trabalharão, meus ouvidos escutarão, meus olhos enxergarão, minhas palavras serão os reflexos do meu raciocínio, e a Tua Soberana Justiça permanecerá sendo o bastão seguro das minhas conquistas pessoais.

Kardec permaneceu

Analisando certos aspectos do caminhar das concepções religiosas, destacamos as ingentes lutas entre o pensamento em expansão dos grandes filósofos e a obscura força da detestável "Suma Teológica". O vaticanismo enclausurou diversas ideologias de vanguarda, cerceando, de forma hedionda, a própria liberdade de expressão do homem medievo. Não foram poucos os heróis do pensamento de ponta, que foram tragados, inapelavelmente, pelas intransigentes labaredas abastecidas pelos preceitos comburentes da Inquisição.

O espírito renascentista, mesmo assim, manteve o bom ânimo diante da realidade circundante e criou a perspectiva de uma frondosa árvore de ciências específicas. No entanto, essa preciosa semente, lançada em ambiente tão hostil, veio germinar, com expressiva força, já no Século XIX, com a materialização da Terceira Revelação. Os acordes harmoniosos das verdades espirituais penetraram na acústica do bom senso de Allan Kardec, e, a 18 de abril de 1857, surge, na Terra, "O Livro dos Espíritos", cântico de caráter evolucionista, emitido pela sonora voz do Espírito Verdade. Porém, nesse século, apareceram algumas filosofias de caráter estranho. O próprio materialismo dialético e mecanicista propunha a ideia de que a forma de produção influenciava os limites básicos da sociedade, conforme o dispositivo político, intelectual, econômico, etc., propugnando o levante irresponsável das chamadas classes desprotegidas. A retórica Positivista, em suas muitas "quixotadas", acenava, na arena mundial, com a bandeira da luta contra os moinhos espirituais e, como não poderia deixar de ser, desmoronou, por falta de base e lógica. Contudo, KARDEC PERMANECEU!

A Doutrina Espírita jamais engendrou os princípios da

separatividade e a impositiva intolerância ideológica dos que materializaram a excrescência do famoso "Muro de Berlim". Por isso mesmo, O Espiritismo é tão atual como há 137 anos. Kardec foi o grande maestro da sinfônica da verdade cristã, até porque, o grande Autor da partitura definitiva da libertação humana - JESUS – determinou-lhe a tarefa de trazer, para o mundo, o CONSOLADOR por excelência.

Sabemos o quão importante foi a Revolução Industrial, na Inglaterra, fortalecendo e materializando as iniciativas capitalistas, movimento este que antecedeu o histórico levante francês no Século XVIII, que, a rigor, teve como pilotis as propostas iluminadas dos heróicos enciclopedistas. Nesse contexto, e por outras tantas razões, o Espiritismo surgiu na conjuntura histórica estrategicamente correta, até porque, se antes tivesse vindo, ou seja, antes das conquistas sociais e das descobertas científicas, teria sido, invariavelmente, uma obra abortada, no dizer no próprio mestre lionês.

Em l857, o homem já conhecia a força a vapor, o telégrafo, a dinâmica do magnetismo, a eletricidade, o telescópio, o microscópio e já eram ensaiados os argumentos teóricos sobre a Atomística. Em boa lógica, reenfatizamos: o Espiritismo chegou, ao homem, exatamente no tempo previsto pelos Emissários do Cristo.

Com Kardec, ficou mais fácil entendermos as pérolas evangélicas. Desvendou-nos - o Codificador - uma nova panorâmica de vida após a fatalidade biológica (desencarnação). Assegurou-nos uma aproximação maior com o Mestre, através da leitura de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", propiciando, ao espírito, uma fé raciocinada. Jesus nos deixou como herança a sublime lição da humildade, acessível a todos nós, desde que a internalizemos como simplicidade de espírito e, não, como pobreza material ou inferioridade intelectual. O Cristo foi bastante pródigo em sua mansuetude e tolerância para com os humildes de coração e, por certo, bastante austero e veemente para com os prepotentes e orgulhosos.

Renovemos, pois, nossos hábitos! Conforme conselhos kardecianos, nos estatutos divinos não há lugar para injustiças.

A vida costuma erguer, sempre, os que se humilham e abate, inexoravelmente, os que se exaltam.

Expulsar Jesus do Espiritismo?

Por inacreditável possa parecer, ainda encontramos irmãos "espíritas" que questionam o aspecto religioso da Terceira Revelação. Negam a excelsitude de Jesus com febril descontrole emocional, referindo-se ao Mestre como se Ele fosse um homem vulgar. Para esses confrades atoleimados em suas fanfarras imaginárias, alertamos o seguinte: Espiritismo religioso, Sim!

Acompanhemos o raciocínio de Emmanuel "Somente o Cristianismo restaurado pode salvar o mundo que se perde. Nossa missão é essencialmente religiosa, na restauração da fé viva e na revivência das tradições simples dos tempos apostólicos. Não temos a presunção de pedir o atestado de óbito das escolas religiosas, nem desejamos estabelecer a luta dogmática e o sectarismo. Desejamos tão-só reavivar a crença pura, a fim de que o homem, na qualidade de herdeiro divino, possa entrar na glória espiritual da compreensão de Jesus Cristo (1)". (grifamos)

Se aceitamos os preceitos da Doutrina Espírita, não podemos negar-lhes fidelidade absoluta. Prevendo esses estranhíssimos movimentos em nossas hostes, Chico Xavier há 21 anos advertia "as falanges das trevas são muito poderosas, organizadas. O que elas desejam é expulsar Jesus do Espiritismo e se tirarem Jesus do Espiritismo este desaparecerá. Têm surgido, ultimamente, muitas práticas estranhas no movimento kardeciano. Estou alertando vocês porque eu tenho pouco tempo de vida e vocês devem defender esse tesouro." (2)

Posteriormente, numa entrevista cedida a confrades de Uberaba, Chico reafirma: "Se tirarmos Jesus do Espiritismo, vira comédia. Se tirarmos Religião do Espiritismo, vira um negócio. A Doutrina Espírita é ciência, filosofia e religião. Se tirarmos a

religião, o que é que fica? Jesus está na nossa vivência diária, porquanto em nossas dificuldades e provações, o primeiro nome de que nos lembramos, capaz de nos proporcionar alívio e reconforto, é JESUS.". (3)

Alguns "espíritas", distantes de quaisquer argumentos inteligíveis persistem em disseminar a desgastada cantilena de que se é preciso fugir do Cristo, do religiosismo, do igrejismo no Espiritismo e transformá-lo numa academia de notáveis. Sob o viés dessa esdrúxula fábula conceitual, escrevem livros, artigos, fazem palestras, escravizados aos impulsos telepáticos dos "gênios das trevas". Desta forma, pela tendência desses estranhos irmãos "espíritas", percebe-se que o Evangelho ainda encontrará, por algum tempo, a resistência das trevas, da má-fé, da ignorância, apesar de representar a grande síntese de todas as propostas filosóficas que visam aprimorar o homem. Esses desarrazoados pregoeiros de ideias vãs esquecem-se de que o Cristo é o modelo de virtudes sobre-humanas. É incomparável a dedicação e a santidade que Ele dispensa à Humanidade.

Nós, que ainda estamos mergulhados no vício da corrupção, não temos parâmetros para avaliarmos a Sua magna importância para o Espiritismo, porque a Sua perfeição se perde na noite indevassável dos séculos. O Espiritismo sem Jesus pode alcançar as melhores expressões acadêmicas, mas não passará de atividade destinada a modificar-se ou desaparecer, como todas as conquistas transitórias do mundo. E o espírita, que não cogitou da sua iluminação com o Evangelho Dele, pode ser um intelectual, um doutor e um filósofo, com as mais elevadas aquisições culturais, mas estará sem bússola e sem roteiro no instante da tempestade inevitável da provação.

A FEB ante o elevado escopo unificacionista

"- Quando a verdadeira união se fizer espontânea, entre todos os homens no caminho redentor do trabalho santificante do bem natural, então o Reino do Céu resplandecerá na Terra, à maneira da árvore divina das flores de luz e dos frutos de ouro". (Neio Lucio) O Espiritismo precisa da FEB? Como você vê o papel da FEB no Movimento Espírita? Devemos continuar defendendo-a? Essas perguntas nos foram endereçadas por uma confreira espírita de Brasília, motivo pela qual resolvemos escrever o presente texto.

Antes de qualquer comentário acerca da Federação Espírita Brasileira, recordamos aqui que a sua Missão é: "Promover o estudo, a prática e a difusão do Espiritismo, com base nas obras da Codificação de Allan Kardec e no Evangelho de Jesus; a prática da caridade espiritual, moral e material, dentro dos princípios espíritas; e a união solidária e a Unificação do Movimento Espírita, colocando o Espiritismo ao alcance e a serviço de todos".(2) (grifamos) Portanto, quando refletimos sobre a Casa-Máter somos remetidos ao conceito de Unificação. Para a FEB, o trabalho unificacionista é uma atividade-meio objetivando fortalecer e facilitar a ação do Movimento Espírita na sua atividade-fim de promover o estudo, a difusão e a prática da Doutrina. A proposta da Unificação legítima, aquela que de fato transcende aos limites que os homens insistem em estabelecer, está firme e vigorosa na Codificação e para administrar o ideário unificador, a FEB criou (via Pacto Áureo) o Conselho Federativo Nacional em 1949, que por sua relevância, propõe reunir e congregar representantes do Movimento Espírita brasileiro para bem estruturá-lo. Por decorrência a FEB encaminha seu projeto por uma Unificação sem uniformização, por saber que a padronização dos comportamentos humanos, em qualquer nível, é ruinosa, por obstar a liberdade não só de

ação, mas, sobretudo de pensamento. Desta forma, a ideia febiana é unir para irmanar; unir esforços para construir, unificar para fortalecer e para convergir, lembrando que Jesus e Kardec são um todo, por conseguinte unos e afluem para um só escopo.

A propósito, o eminente Codificador assinala que o maior obstáculo à divulgação da Doutrina é a falta de unidade. Recorda Bezerra de Menezes, que "o serviço da Unificação em nossas fileiras é urgente, mas não apressado. Uma afirmativa parece destruir a outra. Mas não é assim. É urgente porque define objetivo a que devamos todos visar; mas não apressado, porquanto não nos compete violentar consciência alguma"(3) (grifamos)Um dos mais antigos textos específicos [mediúnicos] sobre Unificação foi psicografado por Chico Xavier em 1948. Mensagem essa dirigida aos participantes do 1º Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, realizado em São Paulo, de 31 de outubro a 05 de novembro de 1948, e coordenado pela então nascente USE-União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo. Nessa página, intitulada "Em nome do Evangelho", Emmanuel se fundamenta na expressão "Para que todos sejam um" (4). Em verdade, a Unificação é um processo lento, de amadurecimento, que caminha no sentido de estimular a vivência de participação, de intercâmbio e de respeito entre as instituições espíritas, considerando suas diversidades de condições, respeitando-se a autonomia administrativa que dispõem. (5) Para alguns confrades a FEB difunde demasiadamente o aspecto religioso da doutrina, motivo pelo qual, nutrem certa ojeriza bastante estranha frente a tudo que tenha laços com a religião. Várias instituições laicas vêm tentando ingerir-se no Movimento Espírita brasileiro. Companheiros que afirmam não ser o Espiritismo o Consolador Prometido, pois Espiritismo e Cristianismo seriam duas doutrinas distintas. (sic) Negam a adjetivação cristã ao Espiritismo.

Nesse vórtice alienante não admitem submissão a qualquer poder constituído, as regras, para o espírito anarquista são atropelos para o livre-pensar, por isso, usando a liberdade como bandeira de suas teses extravagantes, são convictos de

suas "sapiências" e julgam que suas ideias são a expressão da verdade. Durante um período esses confrades defendiam essa laicidade da Doutrina no bojo de uma campanha informal, denominada de "espiritização" do movimento que, dentre outras coisas, combatiam: a transformação do Espiritismo em apêndice do Cristianismo, a crença de que o Espiritismo possui um aspecto religioso, a excessiva pregação de cunho evangélico, o uso de expressões estranhas ao corpo semântico do Espiritismo, como evangelização, mediunidade com Jesus e culto evangélico no lar, a "igrejificação" do movimento, com a adoção de uma estrutura hierárquica formal, a supervalorização da culpa e da dor. O que fica evidente nesses grupos é uma ação de intelectuais afins (normalmente adornados pela "autoridade" das titulações acadêmicas) com a intenção de criar um novo movimento de ideias, utilizando o Espiritismo como ponte para teorias insertas nas ciências sociais e políticas. Confrades esses que estão inequivocamente exercitando seu livre-arbítrio, porém, que o façam sem acrescentar mais cisões ao Movimento Espírita brasileiro. No que tange à tarefa institucional da FEB é interessante examinar as instruções de Allan Kardec, quando trata da organização do Movimento Espírita.(8) O mestre lionês demonstra não só a necessidade do órgão diretivo, mas como deveria funcionar. Por forte razão, deixar a Doutrina Espírita solta à volúpia insofreável das interpretações pessoais pode transformar o Movimento Espírita numa confusão sem precedentes. Quem não entende a necessidade de uma instituição unificadora torna-se partidário do que se chama movimento "anárquico-libertário"(?!).

E não são poucos os remanescentes de tais arroubos progressistas formando escolas de um "Espiritismo à moda" sob os frágeis pilares das "meias verdades".A unidade doutrinária foi a única e derradeira divisa de Allan Kardec, por ser a fortaleza inexpugnável do Espiritismo. Nesse sentido, o papel das federativas estaduais [sintonizadas com a FEB] além da necessidade de harmonioso relacionamento com as casas espíritas adesas, precisa programar-se contra a dispersão sistemática e generalizada, em caminho de desintegração, por força de interferências estranhas. Manter vigília contra os

movimentos paralelos que disseminam práticas exóticas, mistas de magia e de superstição, com a introdução de ritos de outros credos e cerimônias religiosas de estranho aspecto e significação. Munir-se contra a infiltração nas fileiras espíritas de ideologias discutíveis, ligadas a movimentos políticos-revolucionários e tentativas reiteradas de dominação político-partidária, tudo incompatível com os sãos princípios e com as finalidades essenciais da Doutrina. Por essa razão e por não ser tarefa das mais fáceis, as federativas estaduais ainda encontram extremas dificuldades de realizarem o ideal da Unificação sonhada por Kardec e Bezerra de Menezes.É importante lembrar que, na lógica unificacionista, as Entidades integrantes do Conselho Federativo Nacional (9) mantêm a sua autonomia, independência e liberdade de ação. Os vínculos com o CFN têm por fundamento a solidariedade e a união fraterna, livre, responsável e conscientemente praticada à luz da Doutrina Espírita, com vistas à sua difusão.

Nesse sentido, obviamente, as Instituições Espíritas, sediadas no território nacional, que desenvolvem suas atividades dentro dos princípios básicos da Doutrina Espírita contidos nas obras da Codificação Kardequiana estão, naturalmente, aptas a participar do esforço de Unificação do Movimento Espírita, em trabalho de apoio recíproco e solidário, para uma mais eficiente difusão do Espiritismo. Porém, o Movimento Espírita é campo fértil à fascinação e à gênese de ideias advindas da pseudo-sabedoria, por isso, cremos que a indulgência é necessária, mas a conivência, jamais. Respeitar ideias diferentes é obrigação cristã, contudo, acatá-las, não obrigatoriamente. Sobre isso Kardec nos chama a atenção: "A tática ora em ação pelos inimigos dos Espíritas, mas que vai ser empregada com novo ardor, é a de tentar dividi-los, criando sistemas divergentes e suscitando entre eles a desconfiança e a inveja.

Não vos deixeis cair na armadilha; e tende certeza de que quem quer que procure, seja por que meio for, romper a boa harmonia, não pode ter boas intenções".(10) Deste modo, mister a entronização de Allan Kardec "nos estudos, nas cogitações, nas atividades, nas obras, a fim de que a nossa fé

não faça hipnose, pela qual o domínio da sombra se estabelece sobre as mentes mais fracas acorrentando-as a séculos de ilusão e sofrimento".(11) Para se arrostar o desafio de união na diversidade ante a conquista do desiderato unificacionista é imperioso que "seja Allan Kardec, não apenas crido ou sentido, apregoado ou manifestado, a nossa bandeira, mas suficientemente vivido, sofrido, chorado e realizado em nossas próprias vidas. Sem essa base é difícil forjar o caráter espírita-cristão que o mundo conturbado espera de nós pela unificação.

Referências bibliográficas:

(1) Xavier, Francisco Cândido. Jesus no Lar, Ditado pelo Espírito Néio Lúcio, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001, cap. 46.

(2) Disponível em<> acesso em 18/08/2005

(3) (Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião da Comunhão Espírita Cristã, em 20-4-1963, em Uberaba, MG.) publicada no Reformador edição de dez/1975.

(4) (João, 17:22).

(5) "O Espiritismo é uma questão de fundo; prender-se à forma seria puerilidade indigna da grandeza do assunto. Daí vem que os centros que se acharem penetrados do verdadeiro espírito do Espiritismo deverão estender as mãos uns aos outros, fraternalmente, e unir-se para combater os inimigos comuns: a incredulidade e o fanatismo".(In Obras Póstumas - Constituição do Espiritismo - Item VI)

(6) Provêm de laicismo, doutrina que proclama a laicidade absoluta das instituições sóciopolíticos e da cultura, ou que pelo menos reclama para estas autonomias em face da religião.

(7) A rigor não há sistema científico, social, filosófico ou religioso (sério), que funcione, ou que se sustente sem princípios normativos.

(8) Na verdade há grande confusão entre movimento espírita e Espiritismo. O primeiro, é o conjunto de ações perpetrado pelos seguidores de Allan Kardec ao longo da história espírita. O segundo, o conjunto de ensinamentos

legados à humanidade pelos Espíritos superiores, através do trabalho missionário de Allan Kardec...

(9) Entidades Federativas Estaduais, Entidades Especializadas de Âmbito Nacional, Centros e demais Sociedades Espíritas

(10) Kardec, Allan, Revista Espírita Ano V fevereiro 1862, Vol. 2.

(11) (Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião da Comunhão Espírita Cristã, em 20-4-1963, em Uberaba, MG.) publicada no Reformador, edição de dez/1975.

(12) (Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião da Comunhão Espírita Cristã, em 20-4-1963, em Uberaba, MG.) publicada no Reformador, edição de dez/1975.

A terceira revelação simboliza o retorno do Cristo à terra

A lei do Antigo Testamento teve em Moisés a sua personificação; a do Novo Testamento tem-na no Cristo. O Espiritismo é a Terceira Revelação da Lei de Deus, mas não tem a personificá-la nenhuma individualidade, porque é fruto do ensino dado, não por um homem, sim pelos Espíritos, que são as vozes do Céu, em todos os pontos da Terra, com o concurso de uma multidão inumerável de intermediários.

É, de certa maneira, um ser coletivo, formado pelo conjunto dos seres do mundo espiritual, cada um dos quais traz o tributo de suas luzes aos homens, para lhes tornar conhecidos esse mundo e a sorte que os espera. (1) Sabemos que a Lei de Deus foi expressa no Sinai a Moisés, as Lições de Jesus em Israel e a Terceira Revelação a Allan Kardec na França de 1857. Cada uma dessas revelações foi a expansão das ideias apresentadas anteriormente, obedecendo a inequívoca lei do progresso. Obviamente toda Revelação tem por característica a Verdade. Se for desmentida por fatos, deixa de ter origem Divina, pois Deus não se engana nem mente. Observemos que com Moisés temos o impacto da força e do temor, para arrancar os homens da idolatria (bezerro de ouro) e da submissão ao paganismo.

Com Jesus temos o exercício da fé e do amor, para livrar o homem do aguilhão dos formalismos, da tradição, inspirando-o à prática da fraternidade. Com os Espíritos concretiza-se o emprego da verdade, que ilumina a fé pelo raciocínio, para que o espírito humano possa amar compreendendo sua transcendência. O homem já não deve temer, nem apenas crer e amar, mas também e, sobretudo saber para que crê e porque ama. Uma importante revelação se cumpre na época atual: a que nos mostra a possibilidade de se comunicar com os seres do mundo espiritual, pela mediunidade.

Esse conhecimento não é novo, sem dúvida; mas permaneceu, até os nossos dias, de certa forma, no estado de letra morta, quer dizer, sem proveito para a Humanidade. (2) O mestre Lionês explica que o Cristo, tomando da lei antiga o que era eterno e divino, e rejeitando o que não era senão transitório, puramente disciplinar e de concepção humana [leis mosaicas], acrescentou a revelação da vida futura, a das penas e recompensas que esperam o homem depois da morte. Dando-nos a conhecer o mundo invisível, as leis que o regem, suas relações com o mundo visível, a natureza e o estado dos seres que o habitam e em consequência, o destino do homem depois da morte. A ideia vaga da vida futura acrescenta a revelação do mundo invisível que nos cerca e povoa o espaço, e, com isto, fixa a crença, dá-lhe um corpo, uma consistência, uma realidade no pensamento. (3)

Um dos pontos altos da Terceira Revelação é a lei das vidas sucessivas, objetivando demonstrar que o Espírito não encarna uma só vez, mas, tantas e quantas forem necessárias a fim de se tornar um Espírito perfeito e portador das mais nobres qualidades morais e espirituais. A reencarnação, cujo princípio o Cristo colocou no Evangelho, mas sem defini-lo, é, sem dúvida, uma das leis mais importantes reveladas (relembradas) pelo Espiritismo, no sentido de que lhe demonstra a realidade e a necessidade para o progresso.

A Terceira Revelação, bem longe de negar ou de destruir o Evangelho, vem ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da Natureza que revela, tudo o que o Cristo disse e fez; traz a luz sobre o ponto obscuro dos seus ensinamentos, de tal sorte que aqueles para quem certas partes do Evangelho eram ininteligíveis, ou pareciam inadmissíveis, as compreendem sem esforço, com a ajuda do Espiritismo, e as admitem, veem melhor a sua importância e podem separar a realidade da alegoria. Não resta dúvida de que, os Evangelhos têm sido entendidos, ao longo dos séculos, precipuamente em sua feição literal; mas, com a Revelação dos Espíritos, a interpretação literal, tendo em vista o estádio evolutivo das gerações, de há muito não prevalece. O Espiritismo - Terceira Revelação -, com suas raízes mais

profundas fincadas no Evangelho do Cristo, não deixa de apresentar-se como doutrina essencialmente dinâmica, evolutiva. (4) Para André Luiz a Terceira Revelação entroniza a certeza que a mediunidade atual é, essencialmente, a profecia das religiões de todos os tempos. Com a diferença de que a mediunidade hoje é uma concessão do Senhor à Humanidade em geral, considerando-se a madureza do entendimento humano, à frente da vida. (5)

A mediunidade em si não é coisa recente, a diferença atualmente dela é tão-somente a forma de mobilização, porque a liderança religiosa de várias procedências jaz, há muitos séculos, engessado no estéril culto exterior, espetaculizando indebitamente o conjunto das revelações metafísicas. Sobretudo a religião Cristã de várias denominações, que deveria ser a mais consistente e a mais simples das propostas de fé, há vários séculos se embutiu no superficialismo dos templos de pedra. Era mister, transferir-lhes os princípios, a benefício do mundo que, cientificamente, hoje se banha no clarão de nova era. (6)

Motivo pelo qual, pela Terceira Revelação, o Senhor da Vida deliberou que a mediunidade fosse trazida do colégio sacerdotal à praça pública, a fim de que a noção da eternidade, através da sobrevivência da alma, desperte a mente narcotizada do povo. O próprio Cristo, Instrumento de Deus por excelência, se utilizou da mediunidade para acender a luz da sua Doutrina de Amor. Seja aliviando as dores de enfermos e asserenando os que estavam sob o impacto da aflição, e não raro, comunicou-se com os desencarnados, alguns dos quais Espíritos sofredores a subjugarem obsedados de diversas gradações. E, além de surgir em colóquio com Moisés materializado no Tabor, Ele mesmo é o grande ressuscitado, legando aos homens o sepulcro vazio. (7)

A Terceira Revelação, sem quaisquer arrogâncias, simbolicamente, é Jesus que retorna ao mundo, instando-nos ao crescimento espiritual. À Revelação Espírita deveremos, acima de tudo, a luz para vencer os tenebrosos enigmas da desencarnação, a fim de que nos consorciemos, afinal, com as legítimas noções da consciência cósmica. E como ressalta André

Luiz: será pouco revelar a excelsitude da Justiça? Será desprezível descortinar a vida em suas ilimitadas facetas de evolução e eternidade?(8)

Portanto, através da Terceira Revelação observaremos embevecidamente, dos cimos da consciência de realidade, os estreitos compartimentos das cogitações terrenas, compreendendo racionalmente, por fim, que o esplendor reservado ao homem é excelso e infinito, no Reino Divino do Universo.Com a certeza na vida futura que o Espiritismo comprova de modo tão claro, o homem adquire força para seguir sua caminhada, certo de que um dia esse Deus interno que existe dentro de nós resplenderá inteiramente e ofuscará de vez o homem velho que ainda faz morada em nossa alma.

Referências bibliográficas:

(1) Kardec, Alan. Evangelho Segundo o Espiritismo, RJ: Ed. FEB,2003, Cap I

(2) Kardec, Alan. A Gênese, RJ: Ed. FEB, 2001, Cap I

(3) Idem

(4) Artigo de Juvanir Borges de Souza, publicado em Reformador - abril de 1977

(5) Xavier, Francisco Cândido. Nos Domínios da Mediunidade, RJ: Ed. FEB, 1999, Cap. "Apontamentos à Margem"

(6) Idem

(7) Idem ibidem

(8) Idem ibidem

Manifestações de fundo Umbandista no meio espírita

Para um bom entendimento, é FUNDAMENTAL a leitura atenta e a reflexão profunda sobre cada linha aqui escrita, antes de qualquer manifestação precipitada e formação de juízo de valor a respeito do título deste artigo, lembrando que existe uma inteligência primária, causadora de todas as coisas, e que nada acontece por acaso. Como espíritas, precisamos, em primeiro lugar, ser fiéis à Doutrina codificada por Allan Kardec, pois nos baseamos na fé raciocinada e, por isso mesmo, respeitamos profundamente todas as religiões.

O Espiritismo e a Umbanda não se confundem como doutrinas, apesar de ambas encontrarem consequências e direção filosófica e religiosa oriundas de mensagens mediúnicas, porém, ambas, são doutrinas absolutamente distintas e individualizadas, segundo seus fundamentos e práticas. Muitos teimam em nominar a Doutrina Espírita de "mesa branca", contudo, qualquer adjetivação é inadequada quando se quer fazer referência à Terceira Revelação. Não existe Espiritismo de mesa branca, azul, amarela ou verde. O Espiritismo dispensa qualquer expressão que se aproxime mais dos sentidos materiais que dos apelos do espírito, como: identificá-lo por gradações de cor, destacar títulos de progresso terrestre nas manifestações mediúnicas, expressões dogmáticas e, acima de tudo, entender que a Doutrina Espírita não se divide, posto que são os homens que se dividem em numerosas religiões.

Não é nossa intenção difundir conceitos radicalizados, desconsiderando outras práticas mediúnicas. Porém, sim, esclarecer o aspecto inexpugnável da Revelação Espírita. Não vamos nos precipitar em definições apriorísticas e, muito menos, expressarmos a malícia para disseminar as cogitações aqui consignadas. Contudo, colimamos a busca da luz

sublimada da fé raciocinada, como um impositivo da boa prática espírita. Portanto, muito longe de posições policialescas, não transigiremos com os legítimos princípios doutrinários e evangélicos e, se muitos confrades incautos perseverarem na incompreensão, convém que recorram ao Mestre do Amor, pedindo-Lhe esclarecimento e iluminação, para que não fiquem presos nas malhas da ilusão, até porque, Jesus afirmou que o trigo cresceria ao lado do joio em sua seara. Considerando que são raros, ainda, os Centros Espíritas que se podem entregar à prática mediúnica, com plena consciência da tarefa que têm em mãos, destarte, é aconselhável e prudente, segundo Emmanuel, "a intensificação das reuniões de estudos, a fim de que os centros não venham a cair no desânimo ou na incompreensão, por causa de um prematuro comércio com as energias do plano invisível." (1)

As teses emmanuelinas explicam que nas Casas Espíritas os médiuns são úteis, mas não indispensáveis. Por falta de base moral, são muitos os que se afastam das reuniões, quando elas não apresentam fenômenos. É óbvio que assim procedem por plena inabilitação para o legítimo trabalho do Espiritismo, razão pela qual, é melhor que se afastem, temporariamente, dos trabalhos mediúnicos, antes de assumirem qualquer compromisso.

O tema que apresentamos tem como alvo os médiuns contumazes que se deixam influenciar por entidades que se manifestam com trejeitos e linguagens extemporâneos (de pretos-velhos, de caboclos, de índios, de germânicos, etc.). Vale ressaltar que essas entidades se apresentam segundo suas criações mentais individuais. Foram pretos-velhos, caboclos, índios, etc., mas, na espiritualidade, não estão mais em tais condições. É óbvio que esse hábito não é conveniente nas Casas Espíritas, e é de se estranhar que médiuns estudiosos e sinceros, continuem com suas consciências escravizadas, incidindo no velho erro da idolatria. Amá-los é uma coisa; Idolatrá-los é outra.

Em face dessa teimosia, cabe-nos defender a fidelidade a Kardec, sem transigir um milímetro com os princípios espíritas. A prática mediúnica não se constitui tão-somente da

movimentação das energias psíquicas em suas expressões fenomênicas e mecânicas, porque exige o trabalho da vigilância e o sacrifício do coração, onde a luz da comprovação e da referência é a que nasce da consciência, do entendimento e da aplicação do Evangelho. Segundo Emmanuel que acrescenta: "O primeiro inimigo do médium reside dentro dele mesmo, é o personalismo, é a ambição, a ignorância ou a rebeldia no voluntário desconhecimento dos seus deveres à luz do Evangelho. O segundo inimigo encontra-se no próprio seio das organizações espiritistas, constituindo-se daquele que se convenceu quanto aos fenômenos, sem se converter ao Evangelho pelo coração, trazendo para as fileiras do Consolador os seus caprichos pessoais, opiniões cristalizadas no endurecimento do coração, sem reconhecer a realidade de suas deficiências e a exiguidade dos seus cabedais íntimos." (2)

Um confrade nos indagou sobre qual opinião nutríamos a respeito da "incorporação" de preto-velhos e caboclos nas casas de orientações espíritas. Dissemos que Espíritos que se apresentam como caboclos e preto-velhos nos terreiros possuem muito pouco ou quase nada de si mesmos para ensinar, em termos de moral espírita, "que abre horizontes novos à Ciência e à Religião, de modo a desfazer a multimilionária noite da ignorância". A rigor, duas são as formas pelas quais Espíritos de caboclos ou preto-velhos podem entrar numa Casa Espírita: ou para receber ajuda, se ainda estiverem necessitados; ou para aprender coisas novas. Obviamente, devemos ter respeito, atenção, carinho, amor, sincero desejo de ajudar, porém essa não é uma recomendação isolada para Espíritos de caboclos e pretos-velhos. Isso vale para toda comunicação mediúnica.

Afirma-se que a indumentária de "preto-velho" é, unicamente, o morfismo com que o espírito por trás daquele, utiliza-se naquele instante para que possa alcançar a seu objetivo. Será mesmo?... Que objetivo?... Dizem que por trás desses estereótipos (preto-velho, caboclo) podem estar "médicos", "filósofos", "poetas", etc., que apenas se utilizam de tais "vestes" para ensinarem melhor (!...). Nada mais estranho do que se dar crédito a essas crenças. Até porque, o

pensamento é a linguagem, por excelência, no mundo espiritual e a forma e trejeitos no falar e agir são acessórios desnecessários. E o pior da história é que muitos confrades, que não estudam Kardec, crêem que é sintoma de boa mediunidade ser instrumento de "preto-velho". Ora, não há preto-velhos, nem branco-velhos, uma vez que todos são Espíritos. Por isso, devemos ter toda cautela com esses atavismos.

Ressaltamos que as tradições das práticas mediúnicas africanas e ameríndias não sofrem discriminação entre os espíritas estudiosos, nem consideramos os Espíritos de índios e negros, de todo, involuídos, porém, ignorantes. Sim, porque se fossem mais evoluídos ou se não fossem ignorantes, não enclausuravam a mente em fantasiosas concepções no reino da verdade. Sabemos que há várias conotações para a palavra "ignorante": que desconhece a existência de algo; que não está a par de alguma coisa - sem malícia; puro, inocente - que ou quem não tem conhecimento por não ter estudado, praticado ou experimentado, e, finalmente, - incompetente, inexperiente, mal-educado, grosseiro, pretensioso, presunçoso. Cumpre, a todos, entendê-la pelo sentido mais agradável, pois ainda é muito forte a nossa tendência em senti-la desagradável, este é o problema. Todos nós, com maior ou menor intensidade, poderemos prestar concurso fraterno a essas entidades tão necessitadas de desprendimento e evolução, pois a doutrina nos esclarece que a cooperação do magnetismo humano pode influir mais intensamente, em benefício dos necessitados que se encontram cativos das zonas de sensação, na Crosta do Mundo.

Não há preconceito nas sessões espíritas. Procura-se manter o respeito às entidades, à mediunidade e à Doutrina Espírita, buscando a coerência com a verdade que já identificamos nos preceitos kardecianos. Em verdade, Espíritos que se mostram no Além, como antigos escravos africanos, ou como indígenas, podem falar normalmente, sem trejeitos. Por que não verbalizar em português, uma vez que o médium capta o pensamento da entidade e reveste-o com palavras? Não obstante bondosos e sinceros nas suas convicções, humildes e delicados em suas expressões, aguardam o concurso das esferas superiores para

se autolibertarem das lembranças que os prendem ao passado e não é justo alimentarmos barreiras, fazendo com que energias auxiliadoras sejam desperdiçadas.

Antropólogos se referem a certo "abrasileiramento" do Espiritismo, pelo fato de que, aqui, a população desfruta de uma "intimidade" em lidar com entidades de terreiros. Não podemos aceitar a ideia de um Espiritismo à brasileira. Isso seria um pensamento extremamente sincrético, encharcado de várias práticas do catolicismo popular e das religiões afro-brasileiras. Apesar de o Espiritismo ter sido difundido no Brasil, confrontando-se com uma cultura religiosa já consolidada, hegemônica e, portanto, conformadora do ethos nacional, não sofreu e nem poderia ter sofrido as interferências do catolicismo popular e das religiões de possessão de matriz afro-brasileiras.

Segundo pesquisadores, alguns adeptos do Espiritismo se posicionaram contra a pureza doutrinária e se aproximaram do mediunismo popular, fundando uma nova religião ao longo do século XX, ou seja: a Umbanda. É demonstrar ignorância suprema afirmar que crenças como o Candomblé, a Quimbanda, a Umbanda sejam "ramificações" da Doutrina Espírita.

O Espiritismo não possui ramificações ou subdivisões. Seu corpo doutrinário está contido nas Obras Básicas codificadas por Allan Kardec. Essas crenças, às quais nos referimos, possuem origens bastante distintas do Espiritismo, embora compartilhem alguns conceitos que são comuns não só ao Espiritismo, mas às várias correntes espiritualistas.

Não podemos nos acomodar com um Espiritismo "à moda da casa" que vários centros adotam, fugindo das lições de Allan Kardec. A base teórica com que analisamos uma prática eminentemente Espírita tem, como pilotis, o material da Codificação, com o qual podemos separar as práticas espiritualistas estranhas das práticas eminentemente espíritas. Nestas reflexões, não é nossa intenção nos posicionarmos quais "policiais ou fiscais" do Espiritismo, por não aceitarmos uma ou outra prática mediúnica nas Casas Espíritas, fora do projeto kardeciano. Destacamos, apenas, que qualquer análise crítica

construtiva é uma necessidade para a sã divulgação espírita e para um legítimo comportamento na manutenção dos fundamentos da Terceira Revelação.

Referências bibliográficas:

(1) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, ditado pelo Espírito Emmanuel, RJ: Ed. FEB, 1997.

(2) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, ditado pelo Espírito Emmanuel, RJ: Ed. FEB, 1997.

Doutrina Espírita quer dizer Doutrina do Cristo

A convicção religiosa é importante, mas, se elegemos a Doutrina Espírita, como base de prática mediúnica, por exemplo, “não podemos negar-lhe fidelidade.”(1) Por isso é importante preservar a fidedignidade a Kardec nas funções educativas da mediunidade. Cremos que “só a Doutrina Espírita permite-nos o livre exame, com o sentimento livre de compressões dogmáticas, para que a fé contemple a razão, face a face”.(2)

Considerando outros credos religiosos, sabemos que, se as religiões "preparam" as almas para punições e recompensas no além-túmulo, só os conceitos espíritas elucidam que todos colheremos conforme a plantação que tenhamos lançado à vida, sem qualquer privilégio na Justiça Maior. A Doutrina dos Espíritos, codificada pelo mestre de Lyon, nos oferece a chave precisa para a verdadeira interpretação do Evangelho e da mediunidade, por representar em si mesmo a liberdade e o entendimento.

Estranhamente conhecemos confrades que afirmam ser o Espiritismo obrigado a misturar-se com todas as fantasias aventureiras de outros credos e com todos os exotismos religiosos, sob pena de fugir aos impositivos da fraternidade que veicula. Isso é falácia! É mister acautelar-nos sobre esse sedutor ecletismo, “buscando dignificar a Doutrina que nos consola e liberta, vigiando-lhe a pureza e a simplicidade para que não colaboremos, sub-repticiamente, nos vícios da ignorância e nos crimes do pensamento.”(3)

O legado da tolerância cristã não nos exime da necessária advertência verbal ante às enxertias conceituais e práticas anômalas que alguns confrades intentam impor nas hostes kardecianas. Não obstante repelir as atitudes extremas, não podemos prescindir da vigilância exigida pela beleza dos

postulados espíritas e não hesitemos, quando a situação se impõe, no alerta sobre a fidelidade que devemos a Kardec e a Jesus.

Importa não esquecermos que nas mínimas concessões descaracterizamos o projeto da Espiritualidade. É óbvio que o esforço pela fidelidade doutrinária sem vivê-la é consolidar focos de confusão, impondo normas para os outros, despreocupados da própria vigília. Desta forma, para evitarmos determinadas práticas perfeitamente dispensáveis em nome do Espiritismo, entendamos que prática de fidelidade aos preceitos espíritas é processo de aprendizagem com responsabilidade nas bases da dignidade cristã, sem quaisquer resquícios de fanatismo, tendente a impossibilitar discussão sadia em torno de questões polêmicas. Não esqueçamos, entretanto, que médium espírita-cristão deve ser o nosso caráter, ainda mesmo nos sintamos em reajuste, depois da queda. Médium espírita-cristão deve ser a nossa conduta, ainda mesmo que estejamos em duras experiências. Médium espírita-cristão deve ser a marca do nosso ser, ainda mesmo respiremos em aflitivos combates conosco mesmo.

Assumir compromissos, em qualquer área de ação dos arraiais espíritas, constitui possibilidade de engrandecimento espiritual, se compreendermos o caráter divino do Consolador Prometido. Lamentavelmente, contudo, no movimento espírita ainda existe enorme percentagem de confrades desinformados, relativamente à grandeza da Doutrina Espírita. Grande número de médiuns procura prazeres envenenados ante os apelos sedutores da vida terrena nesse particular. Os que se identificam, contudo, na perseguição à ilusão arrasadora vivem ainda distantes das legítimas noções de responsabilidade e devem ser colocados à margem de qualquer apreciação. Até porque os conceitos doutrinários não falam aos espíritos (infantilizados), embriões da espiritualidade, mas às inteligências e corações que já se mostram suscetíveis de receber-lhes a lição.

Os médiuns, admitidos nos grupos espíritas, precisam compreender a complexidade e excelsitude do trabalho que lhes assiste. É compreensível que se interessem pelo mundo,

pelos acontecimentos do dia a dia, todavia, é imprescindível não perder de vista que o compromisso no lar e junto ao centro espírita que frequenta é de grave responsabilidade, onde se deve atender aos desígnios divinos, no tocante aos serviços mais importantes que lhes foram conferidos.

Receber encargos na mediunidade é alcançar nobres títulos de confiança. Por isso, educar e exercitar os atributos psíquicos e aperfeiçoá-los não é serviço do menor esforço. Muitos médiuns vivem desviados, através de vários modos, seja nos comportamentos místicos ou na demasia de exigência fenomênica. Todavia, à luz do Ensinamento do Cristo, caminharão todos no rumo da era do espírito, compreendendo que, se para ser médium são necessários profundos exercícios de disciplinas, à frente dessas qualidades deve brilhar o necessário esforço do equilíbrio.

"Doutrina Espírita quer dizer Doutrina do Cristo. E a Doutrina do Cristo é a doutrina do aperfeiçoamento moral em todos os mundos. Guardemo-la, pois, na existência, como sendo a nossa responsabilidade mais alta, porque dia virá em que seremos naturalmente convidados a prestar-lhe contas."(4)

Fontes

(1) Xavier, Francisco Cândido. Religião dos Espíritos, ditado pelo Espírito Emmanuel, RJ: Ed. FEB, 2003.

(2) idem.

(3) idem.

(4) idem.

Certame da irreflexão espírita

Lemos reportagem da Revista Veja que nos deixou apreensivos. Informa a revista que "Uberaba é referência para aqueles que buscam estabelecer uma ponte com a vida após a morte. Nos fins de semana, ônibus de visitantes circulam pela cidade à procura das sessões públicas de psicografia. Quem vai aos centros espíritas da cidade quase sempre passou por grande trauma envolvendo a morte. Perdeu de forma trágica ou inesperada um filho, os pais ou um irmão. No ritual, o médium se comunica com esses parentes falecidos, recebe deles uma mensagem e a transcreve no papel."(1) (!!!)

O jornalista diz que os procedimentos são bem parecidos em todos os centros. "Os interessados em receber mensagens do plano espiritual devem preencher uma ficha com dados básicos (nome, parentesco, data de nascimento e de morte) da pessoa com quem deseja se comunicar. Em seguida, o médium se fecha numa sala, onde analisa as fichas e tenta estabelecer contato com os espíritos dos mortos. Depois dessa seleção, senta-se em frente à mesa, concentra-se e começa a psicografar. Em média, de cinco a seis cartas são escritas por sessão. Enquanto ele preenche as páginas em branco – trabalho que demora uma hora e meia, para todas as mensagens –, outros membros do centro discursam aos presentes sobre assuntos da fé e da espiritualidade, com base em passagens dos livros kardecistas. Ao final da psicografia, o médium faz a leitura pública das mensagens. Como os garranchos são incompreensíveis, a leitura é gravada."(2)

A matéria jornalística cita os familiares de desencarnados que esperam alguma "notícia" do além preferentemente do próprio parente falecido. Estão tentando plagiar os trabalhos que Chico realizava com seriedade. Substituem a simplicidade e a espontaneidade dos fenômenos mediúnicos por promessas de

supostas consolações advindas do “além”.

Sabemos que o intercâmbio com o além-tumba assemelha-se a ligação telefônica (como dizia Chico Xavier), em que na Terra somos apenas o receptor; o “além” decide as circunstâncias, local, horário, duração e o tema. Diante disso, é bastante inoportuna e reprovável “prestação de serviços sob encomenda” que alguns centros espíritas mal orientados promovem, obtendo “comunicações” mediante o pleito da família do “morto”. Nem precisaria perder muito tempo para afirmar que existem riscos de vários matizes nesses comportamentos malsãos e de intolerável imprudência.

Os gênios das trevas estão sempre prontos para aproveitá-la da nossa menor fragilidade morais para nos induzir ao erro, ao ridículo, ao risível, equívocos que esmagam qualquer boa intenção.

Há poucos meses a contestadíssima reportagem da revista Superinteressante sobre Chico Xavier foi criticada oportunamente por seus erros, omissões e parcialidade, mas teve inegáveis méritos; uma leitora informou ter pedido, em uma casa espírita, a comunicação de um avô inventado, e “conseguiu”. Foi o bastante para a desditosa irmã lançar o anátema sobre toda a Doutrina qualificando-a de charlatanice, para mergulhar voluntariamente na ignorância trevosa, certamente deletéria a si mesma. Obviamente, para o espírita honrado, é uma advertência valiosa: a zombaria dos irmãos encarnados e desencarnados não respeita limites.

Uberaba reflete muito do que ocorre nos muitos centros espíritas do País. Os atavismos herdados das existências passadas, em muitos confrades, que se elegeram ou foram eleitos líderes por si mesmos, atualmente, não têm aguentado o peso da responsabilidade pelo exercício da tarefa doutrinária que lhes dizem respeito, e, obsedados com o afã organizacional, se afastam dos conteúdos kardecianos. “Às preocupações em torno da caridade fraternal em referência aos infelizes de todo porte, entregam-se à conquista de patrimônio material e de projeção social, vinculando-se aos políticos de realce, nem sempre portadores de conduta louvável, para partilharem das migalhas do mundo em detrimento das alegrias

do reino dos céus.” (3)

Ao estudo sério das obras básicas, sucede-se a fanfarra e o divertimento em relação ao público que busca as reuniões, “em atitudes mais compatíveis com os espetáculos burlescos do que com a gravidade de que o Espiritismo se reveste. Ouvem-se as mensagens dos Benfeitores espirituais, comovendo-se com as suas dissertações, e logo abandonando-as dominados pela alucinação da frivolidade.” (4) Observamos confrades que escravizam-se ao poder, como se fossem insubstituíveis, iludidos de que as enfermidades e a desencarnação os desalojam das funções que pretendem preservar a qualquer preço.

O tecnicismo complicado vem transformando os centros espíritas e órgãos federativos em Empresas dirigidas por executivos “brilhantes”, mas sem qualquer vínculo moral com os postulados doutrinários. Divisões que se vão multiplicando por setores, por especializações dos profissionais ["associações espíritas" de magistrados, médicos, jornalistas, pedagogos, psicólogos etc] "ameaçam, em elitismo injustificável, a unidade do corpo doutrinário, olvidando-se daqueles que não possuem títulos terrestres, mas que são pobres de espírito, simples e puros de coração.” (5)

O leitor amigo conhece "associações espíritas" de lavadeiras, garis, empregadas domésticas, faxineiras, babás, ambulantes, ascensoristas? Por que, não?!...

Muitas instituições kardecianas não disponibilizam tempo (consumido pelo vazio exterior), para a assistência aos sofredores e necessitados que aportam às suas portas, “relegados a segundo plano, nem para a convivência com os pobres e desconhecedores da Doutrina, que são encaminhados a cursos, quando necessitam de uma palavra de conforto moral urgente.... Os corações enregelam-se e a fraternidade desaparece." (6)

Não podemos esquecer que estamos comprometidos, desde antes da reencarnação, com o Espiritismo que agora conhecemos. Tenhamos cuidado! Evitemos conspurcá-lo com atitudes antagônicas aos seus ensinamentos e imposições não compatíveis com o seu corpo doutrinário. “Retornar às bases e

vivê-las, qual o fizeram Allan Kardec e todos aqueles que o seguiram desde o primeiro momento, é dever de todo espírita que travou contato com a Terceira Revelação judaico-cristã, porque o tempo urge e a hora é esta, sem lugar para o campeonato da insensatez." (7)(grifei)

Referências:

(1) Revista Veja. Edição 2170- 13 de junho de 2010.
(2) idem.
(3) Trecho de mensagem psicografada por Divaldo Pereira Franco, na reunião mediúnica da noite de 17 de julho de 2006, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia.
(4) idem.
(5) idem.
(6) idem.
(7) idem.

Riqueza e pobreza são experiências para o progresso espiritual

Civilizações antigas adoravam o deus Mamon (estátua construída de ouro e prata), representando a riqueza, o luxo, a ganância e os gozos excessivos. Por isso, nos tempos apostólicos, a analogia proposta por Jesus: "Ninguém pode servir a Deus e a Mamon, pois, ou odiando a um, amará o outro, ou aderindo a um, desprezará o outro."(1)

Jesus não condenou a riqueza, pois ela não é contra as Leis Naturais. O condenável é o seu abuso ou mau uso, quando é utilizada para a satisfação de gozos prejudiciais, pelas tristes consequências que acarreta. Embora o Mestre tenha citado que "é mais fácil um camelo passar pelo buraco da agulha, do que um rico entrar no reino dos Céus."(2) Muitos acreditam que só alcançarão a paz se conseguirem fortuna e segurança. Entregam-se ao materialismo, à preguiça e ao comodismo. Mas em verdade, o Mestre não quis dizer que todos os ricos são depravados.

Grandes fortunas trazem grandes encargos. Se sob certos aspectos dão comodidade e conforto, de outro trazem muitas obrigações que, se não cumpridas, poderão perder a nossa alma, criando enormes dívidas. "se a riqueza tivesse de ser um obstáculo absoluto salvação dos que a possuem, como poderia inferir de certas expressões de Jesus, interpretadas segundo a letra não segundo o espírito?"(3)

O Evangelho consigna sobre o Rico e o pobre Lázaro que personificam a Humanidade, sempre rebelde aos ditames da Luz e da Verdade. O Rico gozou no mundo e sofreu no Espaço; o Lázaro sofreu no mundo e gozou no Espaço. Nesse caso, o rico pode ser a personificação daqueles que são escravos do reino do mundo, que não veem mais do que o mundo, esse "paraíso perdido" entre os charcos da degradação moral, que

avilta as almas e as atira aos infernos escancarados dos vícios.

Por outro lado, Lázaro representa os excluídos da sociedade terrena, aqueles que, quando muito, podem chegar ao portão dos grandes templos, aqueles que não podem atravessar os umbrais dos palácios dourados, aqueles que essa sociedade corrompida do mundo despreza, amaldiçoa, cobre de labéus, crava de setas venenosas que lhes chagam o corpo todo.

A riqueza é uma prova muito arriscada para o espírito, mais perigosa do que a prova da pobreza. São palavras do próprio Kardec: “a pobreza é, para os que a sofrem, a prova da paciência e da resignação; a riqueza é, para os outros, a prova da caridade e da abnegação.”(4) Todavia, Jesus nos ensinou. “Amai-vos uns aos outros”(5). Estas palavras encerram o bom emprego da riqueza, porque aquele que ama o seu próximo tem traçada toda a linha do seu bem proceder – A caridade.

Portanto, riqueza e pobreza nada mais são que provas, pelas quais o Espírito necessita passar, tendo em vista um objetivo mais alto, que é o seu progresso. Deus concede, pois, a uns a prova da riqueza, e a outros a da pobreza, para experimentá-los de modos diferentes. Aliás, essas provas são, com frequência, escolhidas pelos próprios Espíritos, que, no entanto, nelas geralmente sucumbem.

Espíritos realmente evoluídos, tanto quanto os que compreendem perfeitamente o significado a Lei de Causa e Efeitos, podem solicitar a prova da pobreza como oportunidade para o acrisolamento de qualidades ou a realização de certas tarefas que a riqueza certamente prejudicaria. Algumas vezes, também, o mau uso da fortuna em precedente existência leva o Espírito a pedir a condição oposta, com o que espera reparar abusos cometidos e pôr-se a salvo de novas tentações.

Se a riqueza somente males houvesse de produzir, Deus não a teria outorgado aos homens. Mas, longe disso, a riqueza, se não constitui elemento direto de progresso moral, é, sem contestação, poderoso elemento de progresso intelectual.

A igualdade das riquezas é impossível no mundo em que vivemos, porque a isso se opõe a diversidade das faculdades e dos caracteres. Os homens não são criaturas iguais. Há entre eles os que são mais previdentes, mais inteligentes e mais

ativos. Logo, se a riqueza fosse repartida com igualdade entre todos, o equilíbrio em pouco tempo estaria desfeito.

Se fôssemos conscientes da necessidade da prática do bem, não haveria situações tão extremadas de todos os tipos de aberrações, que se cometem em nome da abastança. Não encontraríamos pessoas perambulando pelas ruas, embriagadas, sujas, cabelos desgrenhados, roupas ensebadas, catando coisas no lixo ou esmolando um pedacinho de pão.

A mensagem do Cristo é um elixir poderoso, o mais seguro para a redenção social, que haverá de penetrar em todas as consciências humanas, como um dia penetrou no desprendimento de Vicente de Paulo, na majestosa solidariedade de irmã Dulce, na bondade de Francisco de Assis, na suprema dedicação de Teresa de Calcutá e no amor de Chico Xavier. É urgente aprendermos a fazer o bem incondicional, e nesse comportamento podermos soltar o sereno grito como o fez Paulo: "Já não sou quem vive, mas o Cristo é quem vive em mim."(6)

Referências bibliográficas:

(1) Mateus 6:24
(2) Mateus 19:24
(3) Kardec, Allan,. O Evangelho Segundo Espiritismo, Rio de Janeiro: Ed. FEB,1998, Cap. 1
(4) Idem
(5) Jó. 15:9
(6) Gl. 2,20

A justiça de Deus ante os mecanismos da reencarnação

Liam Derbyshire, um menino britânico de 11 anos, tem uma história de doenças instigantes. Superou um câncer na infância e tem um sistema gástrico subdesenvolvido, precisa usar permanentemente um tubo de traqueotomia. Desde que nasceu, sofre de hipoventilação central congênita, (1) conhecida popularmente como maldição de Ondina, que pode levar à morte durante o sono, pois a sua respiração pára enquanto dorme. O menino é obrigado a usar um respirador artificial sempre que dorme e, ainda, possui um aparelho para auxiliar na respiração movido a pilha, em caso de dormir no carro ou no avião.

Na concepção de Kim, sua mãe, a cada dia de sua vida é um acréscimo de misericórdia de Deus. Os médicos se espantam com a sua condição física, que tem desafiado todos os prognósticos. O Dr. Gary Connett, que cuida de Liam no Hospital Geral da cidade de Southampton (sul do país), afirmou nunca ter encontrado relato de crianças que tiveram tantas patologias juntas e sobreviveram.

Narramos o “caso Derbyshire” para alguns amigos materialistas (ateus) e todos reagiram com frases do tipo:

“Se Deus realmente existe, Ele odeia Derbyshire e quer que ele sofra.”

“Se Deus tudo pode, tudo vê, por que não faz nada pra ajudar Liam?”

“Deus gosta de ver o sofrimento de algumas pessoas.” “Só os ignorantes acreditam na justiça de Deus.”

“O "Deus" dos espíritas não é onipresente, onisciente e onipotente? Então por que permitiu que esse menino nascesse com uma doença que causaria tanto sofrimento na vida dele e da família?”

Teve até o que nos desafiou dizendo:

“Não venha com esse blá, blá, blá de “reencarnação”!

Outro vociferou quase em uivos:

“Por que alguns merecem sofrer e outros não? Quais os critérios que Deus usa para escolher quem deve sofrer menos? E ainda preciso engolir que tenho que agradecer minha vida a um Deus imaginário tão sórdido e cruel?”

Pedimos auxílio aos nossos Amigos de “lá” nesse instante e nos esforçamos para esclarecer serenamente ao grupo sobre a lógica da Lei de Causa e Efeito. Afirmamos que a semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória, ou seja, "cada um é punido naquilo em que errou."(2) Os espíritas sabem que "o estado feliz ou desgraçado de um Espírito é inerente ao seu grau de pureza ou impureza. A completa felicidade prende-se à perfeição. Toda imperfeição é causa de sofrimento e toda virtude é fonte de prazer."(3)

Perante a Lei de Causa e Efeito não existem "vítimas". Disse-lhes!... Só respondemos pelos nossos atos e jamais pelos atos alheios. A ninguém deve o homem culpar em caso de sofrimento, a não ser a ele mesmo, pela sua incúria, seus excessos ou a sua ambição. "A responsabilidade das faltas é toda pessoal, ninguém sofre por erros alheios, salvo se a eles deu origem, quer provocando-os pelo exemplo, quer não os impedindo quando poderia fazê-los."(4)

Na reencarnação, o resgate é possível na proporção da dívida contraída. "Pela natureza dos sofrimentos e vicissitudes da vida corpórea pode julgar-se a natureza das faltas cometidas em anteriores existências."(5) Cada caso é um caso e as almas mais primárias e atrasadas serão, via de regra, mais atingidas pelos sofrimentos materiais, enquanto os Espíritos de maior sensibilidade e cultura serão mais vulneráveis aos sofrimentos morais.

Dessa maneira e detalhando mais sem digressões ante os códigos de Talião, infere-se o seguinte: os que cometeram aborto renascerão com problemas de esterilidade e doenças genitais; os desregrados sexuais reencarnarão com impotência sexual ou frigidez e decepções na vida afetiva; os ociosos e indolentes amargarão na próxima vida física o desemprego, a má remuneração profissional, a “invalidez” física; os

caluniadores e maledicentes (re) nascerão carregando doenças das cordas vocais; os que usaram a inteligência para o mal terão novo corpo com uma hidrocefalia, com oligofrenias; os suicidas carregarão noutra existência doenças congênitas graves e desafiadoras para a ciência médica, poderão sofrer acidentes mortais na infância e adolescência. E, assim por diante!

O caso do menino Derbyshire, invariavelmente, também nos induz à reflexão sobre a função do perispírito (corpo espiritual, segundo Paulo de Tarso), a Lei da Causa e Efeito, a reencarnação, o suicídio, entre outros temas sugestivos que a Doutrina Espírita explora e explica tão preciosamente.

O nosso “blá blá blá” precisou avançar mais. Afirmamos que a partir da fecundação do óvulo, sob o comando da lei natural, o espírito reencarnante imprime, através da ação do perispírito, a integração da sua própria herança espiritual somado ao legado genético dos genitores. A formação do respectivo DNA individualizado – composto de genes dominantes e recessivos - conduzido pelas sagradas Leis da Hereditariedade, provindas do Criador, configurará o novo corpo físico daquele particular espírito imortal, que renascerá conforme o programa, previamente, estabelecido e subordinado, inicialmente a fatores como família, raça, etnia, nacionalidade, predisposições para determinados estados de saúde ou doença - física ou espiritual - e inúmeras outras especificidades individuais.

O compromisso ou "conta do destino criada por nós mesmos" está impresso no corpo perispiritual. Esses registros fluem para o corpo físico e culminam por determinar o equilíbrio ou o desequilíbrio dos campos vitais. "Só o reconhecimento - que um dia chegará a primazia do espírito sobre a matéria, associada essa primazia ao princípio reencarnacionista, isto é, a integração da herança espiritual à hereditariedade genética, comandada pelo espírito, via perispírito, regida pela Lei de Causa e Efeito, é que permitirá que se identifiquem, no espírito imortal, as causas concretas dos desequilíbrios que eclodem no corpo físico (um mata-borrão e fio-terra que ele representa), sob o nome de doenças, incluindo-se os distúrbios da psique humana."(6)

Quando forem descobertas tecnologias muito mais sofisticadas, que nos possibilitem um exame aprofundado da estrutura funcional do perispírito, a medicina transformar-se-á radicalmente. Nos hospitais, possuindo instrumentos de altíssima resolução, muito além daqueles que existem hoje, os diagnósticos serão, inequivocamente, precisos, o que possibilitará maiores sucessos sobre as doenças. Os profissionais da saúde trabalharão muito mais de forma preventiva, priorizando curar a causa (o doente) e não remediar o efeito (a doença).

Após nossa exposição, os materialistas ficaram mudos e permaneceram calados até o término da explicação espírita que lhes ofertamos fraternalmente.

Notas e Referências bibliográficas:

(1) A Síndrome de Ondine (Hipoventilação alveolar primária) é uma doença na qual a principal causa é uma mutação ou várias do gene PHOX2B, de herança autossômica dominante. Nessa doença os mecanismos da respiração involuntária não funcionam adequadamente. Ao dormir, os receptores químicos que recebem sinais (baixa de oxigênio ou aumento de dióxido de carbono no sangue) não chegam a transmitir os sinais nervosos necessários para que se dê a respiração.

(2) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2000, questão 973

(3) Kardec, Allan. O Céu e o Inferno, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1999, cap. VII

(4) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2000, questão 645

(5) Pereira, Yvonne. Dramas da Obsessão, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1964

(6) Artigo de Raphael Rios, intitulado Lei de Causa e Efeito determina os Efeitos da Hereditariedade usando os Registros do Perispírito, publicado na Revista Internacional de Espiritismo – dez/2000

A prece é prática religiosa recomendada por todos os bons espíritos

Estudos diversos comprovaram a consequência favorável que a prece produz. O médico e pensador Alexis Carrel (1) dizia frequentemente que o importante não é acrescentar anos à sua vida, mas vida aos seus anos. Em 1942, Carrel escreveu o artigo intitulado A Prece é Força, afirmando "que a oração é uma força tão real como a gravidade terrestre". (2) E acrescentou: "no meu caráter de médico, tenho visto enfermos que, depois de tentarem, sem resultado, os outros meios terapêuticos, conseguiram libertar-se da melancolia e da doença, pelo sereno esforço da prece" (3). Naquela tumultuada década dos anos 40 do século XX (4), sobretudo para os médicos, era uma grande ousadia admitir as implicações da "prece" sobre a saúde. Todavia, o médico filósofo, contrariando seus colegas, proclamou a força da oração.

Sabe-se hoje que a prece realmente atua sobre os doentes, influenciando o sistema imunológico, segundo estudo realizado no ano de 1988, no Hospital Geral de São Francisco, na Califórnia. "Nesse hospital foi possível comprovar que os pacientes que foram alvos de preces apresentaram significativas melhoras, necessitando inclusive de menor quantidade de medicamentos." (5)

A prece é recomendada por todos os Espíritos. Renunciar a ela é ignorar a bondade de Deus; é rejeitar para si mesmo a sua assistência; e para os outros, o bem que se poderia fazer. (6) O Espírito André Luiz, que foi médico em sua última reencarnação terrena, disse: "Ah! se os médicos orassem". A exclamação consta no capítulo intitulado "Em aprendizado", que revela o apoio que os benfeitores espirituais dão aos médicos que se disponham a abrir os seus canais de sensibilidade. "Todos os médicos, ainda mesmo quando materialistas de

mente impermeável à fé religiosa, contam com amigos espirituais que os auxiliam” (7).

Alexis Carrel, sob a luz da inspiração, certificou que “quando oramos, ligamo-nos, nós mesmos, à inexaurível força motriz que aciona o universo. Pedimos que uma parcela desta força se aplique na devida proporção das nossas necessidades. Com o próprio ato de pedir, nossas deficiências humanas são supridas, e erguemo-nos fortalecidos e restaurados”. (8)

Os médicos americanos William Rede (9) e Roger Youmanas, quebrando os paradigmas e axiomas acadêmicos, defendem a necessidade da oração na hora da cirurgia. Para Rede o poder da oração pode garantir o sucesso de uma cirurgia, na atmosfera tensa de uma sala de operação. Quando uma enfermeira lhe passa um instrumento, o médico diz que faz sempre uma prece. Pede a Deus que o guie, de acordo com os seus desígnios. Para o cirurgião, a oração cria o clima de calma, necessário para o trabalho.

William Rede e Youmanas citam o caso de hemorragias subitamente controladas ou paradas cardíacas prontamente resolvidas. E o próprio William teve prova disso com seu filho de dois anos. A criança estava com pneumonia e de repente parecia que ia morrer. Salvou-o com respiração artificial, depois que pediu a Deus para que não tirasse a vida de seu filhinho. Roger Youmanas, cirurgião da Califórnia, confirma que sempre reza durante 30 segundos quando se vê diante de um caso difícil. Acredita que a prece em favor de um doente pode ajudar. E acredita que um cirurgião possa fazer uma operação melhor se tiver inspiração divina. ”(10)

O Cristo disse: “por isso vos digo: todas as coisas que vós pedirdes orando, crede que as haveis de ter, e que assim vos sucederão.” (11) Para nós, espíritas, a prece se reveste de características especiais, pois a par da medicação ordinária, elaborada pela Ciência, o magnetismo nos dá a conhecer o poder da ação fluídica e o Espiritismo nos revela outra força poderosa na mediunidade curadora e a influência da oração. Allan Kardec, ao emitir seus comentários na questão 662 de O Livro dos Espíritos, afirma que “o pensamento e a vontade representam em nós um poder de ação que alcança muito além

dos limites da nossa esfera corporal. A rigor, a eletricidade é energia dinâmica; o magnetismo é energia estática; o pensamento é força eletromagnética."(12)

Há pessoas que negam a Eficácia da Prece com o argumento de que, se Deus conhece as nossas necessidades, desnecessário se torna expô-las. Acrescentam, tais descrentes, que as nossas súplicas não podem modificar os designo da Providência, porque todo o Universo está regido por leis eternas. "Contudo, o Espiritismo nos faz compreender que na oração, sendo um canal de ligação com o Criador, podemos solicitar, enaltecer e agradecer. As preces dirigidas a Deus são ouvidas pelos Espíritos encarregados da execução dos Seus desígnios; as que são dirigidas aos Bons Espíritos vão também para Deus." (13)

Quando o pensamento se dirige para algum ser, na terra ou no espaço, de encarnado para desencarnado, ou vice-versa, uma corrente fluídica se estabelece de um a outro, transmitindo o pensamento, como o ar transmite o som. A energia da corrente está na razão direta da energia do pensamento e da vontade. "É assim que a prece é ouvida pelos Espíritos, onde quer que eles se encontrem. "Pela prece, o homem atrai o concurso dos Bons Espíritos, que o vêm sustentar nas suas boas resoluções e inspirar-lhe bons pensamentos." (14)

O mestre de Lyon explana que "a prece do homem de bem tem mais merecimento aos olhos de Deus, e sempre maior eficácia. Porque o homem vicioso e mau não pode orar com o fervor e a confiança que só o sentimento da verdadeira piedade pode dar. Do coração do egoísta, daquele que só ora com os lábios, não poderiam sair mais do que palavras, e nunca os impulsos da caridade, que dão à prece toda a sua força." (15) Porém, quem não se julga suficientemente bom para exercer uma influência salutar, não deve deixar de orar por outro, por pensar que não é digno de ser ouvido. "A consciência de sua inferioridade é uma prova de humildade, sempre agradável a Deus, que leva em conta a sua intenção caridosa. A prece que é repelida é a do orgulhoso, que só tem fé no seu poder e nos seus méritos, e julga poder substituir-se à vontade do Eterno." (16)

Outra questão importante para o tema é a prece coletiva; será que tem ação mais poderosa? Sim! Quando todos os que a fazem se associam de coração num mesmo pensamento e têm a mesma finalidade, porque então é como se muitos clamassem juntos e em uníssono. “Mas que importaria estarem reunidos em grande número, se cada qual agisse isoladamente e por sua própria conta? Cem pessoas reunidas podem orar como egoístas, enquanto duas ou três, ligadas por uma aspiração comum, orarão como verdadeiros irmãos em Deus, e sua prece terá mais força do que a daquelas cem.” (17)

"E quando orais, não faleis muito, como os gentios; pois cuidam que pelo seu muito falar serão ouvidos. Quando orais, não haveis de ser como os hipócritas, que gostam de orar em pé nas sinagogas, para serem vistos pelos homens".(18) Por isso que as formas e as fórmulas utilizadas para a oração se fazem secundárias, sendo indispensável à intenção do suplicante, cujo propósito estimula o dínamo cerebral a liberar a onda psíquica vigorosa que lhe conduzirá a vontade. O pensamento, portanto, ligado a Deus, ao bem, ao amor, ao desejo sincero de ajudar, eis a oração que todos podem e devem utilizar, a fim de que a paz se instale por definitivo nos corações.

Referências Bibliográficas

(1) Ganhador do Prêmio Nobel de Medicina por seus trabalhos em sutura de vasos sanguíneos e autor do livro “O Homem, Esse Desconhecido”

(2) Publicado na Revista Reader's Digest. Reader's Digest de fevereiro de 1942

(3) Idem

(4) Em 1942 as nações mais ricas da Europa e a própria América, onde Dr. Carrel vivia, estavam engalfinhadas na Segunda Guerra Mundial

(5) Artigo de Kátia Penteado intitulado Efeitos da Prece na Saúde: a Ciência confirma a Doutrina Espírita - Nov/2004

(6) Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Rio de Janeiro: Ed. FEB 1990, cap. 27

(7) Xavier, Francisco Cândido. Libertação, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1990

(8) Publicado Revista Reader's Digest Reader's Digest de fevereiro de 1942

(9) William Reed é presidente a Fundação Médica Cristã que possui mais de 3.000 médicos associados

(10) Publicado na Revista O Espírita setembro / dezembro de 2001, nº 110 Ano XXIII

(11) Mc, XI: 24)

(12) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1994, questão 662

(13) Kardec, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Rio de Janeiro: Ed. FEB 1990, cap. 27

(14) Idem

(15) Idem

(16) Idem

(17) Idem

(18) Idem

Reencarnação: processo universal de aplicação dos códigos de justiça nas leis do criador...

As primeiras referências à ideia de reencarnação se perdem na noite dos evos da história. Temos notícias dela há dois mil e quinhentos anos, nas Upanichades [escrituras sagradas do hinduísmo], até hoje a maior religião da Índia. Neste mesmo período, Pitágoras (1), filósofo e matemático, grego, nascido por volta do ano 580 a.C., que foi discípulo de Ferecides de Siros - dizia que a alma era imortal e, depois da morte do corpo, ela ocupava outro corpo - palingenesia - às vezes, de um animal - metempsicose [tese equivocada do matemático de Samos].

Pelas fontes históricas, é a primeira vez que a teoria da reencarnação foi mencionada no Ocidente. Posteriormente, Platão (429-347 a.C.), também filósofo grego, discípulo de Sócrates, ensinava que a alma nasce muitas vezes, até mesmo durante 10 mil anos, e, depois, parte para a bem-aventurança celestial. Nos primeiros séculos, muitos grupos cristãos, majoritários, defenderam a palingenesia especialmente os gnósticos (2), com sua visão profundamente inteligente do corpo e da matéria em geral. O extraordinário cristão Orígenes (3), de Alexandria, defendeu a reencarnação. A partir das suas reflexões, surgiu um grupo sábio de monges que passaram a professar também a doutrina das preexistências. Para os "donos" do poder clerical o chamado "origenismo" tornava-se nefasto e tumultuava, mormente a Palestina, em face disso o patriarca da igreja de Jerusalém, no século VI, solicitou ao imperador bizantino Justiniano que interviesse. O imperador escreveu um tratado contra Orígenes e levou o "dono" da igreja de Constantinopla a reunir aí um sínodo (4) em 543, que condenou as teses relativas à preexistência da alma e outras posições origenistas.

Dez anos depois, em 553, com a aquiescência ambígua do papa Virgílio (5), o Imperador Justiniano convocou o II Concílio de Constantinopla na qual com astuta maquinação retirou definitivamente a chamada "controvérsia origenista", mediante eleição espúria que venceu por 3 a 2 votos. E a reencarnação foi definitivamente banida dos preceitos de direito eclesiástico. (6) Lógico! a Igreja estava defendendo nesse ato extravagante a doutrina do céu e do inferno e nas penas eternas porque centrava mais poder em suas mãos. E dessa forma a reencarnação foi banida num das mais graves equívocos cometidos pelo Cristianismo. Antes disso, no século III o notável Clemente de Alexandria observou em sua obra Stromata (Miscelâneas): "A hipótese de Basílides, um mestre gnóstico, diz que a alma, tendo pecado anteriormente em outra vida, experimenta punição nesta vida". Nessa mesma época Tertuliano, o primeiro autor cristão a escrever em latim, negando a metempsicose, se expressa muitas vezes sobre o assunto, como nessa passagem: "Quão mais digno de aceitação é o nosso ensino de que as almas irão retornar aos mesmos corpos. E quão mais ridículo é o ensino herdado (pagão) de que o espírito humano deve reaparecer em um cão, cavalo ou pavão!" (Ad Nationes, Cap. 19).

Fica evidente que tanto quanto os espíritas, os sábios da igreja também não aceitavam a metempsicose. A tese da metempsicose conflitava a mente de alguns teólogos, questão que a rigor só foi melhor esclarecida com a advento do Espiritismo. Vejamos, o apologista e historiador Lactâncio, no século IV expressa o pensamento dos seus contemporâneos cristãos: "Os pitagóricos e estóicos afirmavam que a alma não nasce com o corpo. Antes, eles dizem que ela foi introduzida no mesmo e que migra de um corpo para outro." Em outro ponto de sua obra As Institutas Divinas, ele afirma: "Pitágoras insiste que as almas migram de corpos desgastados pela velhice e pela morte. Ele diz que elas são admitidas em corpos novos e recém-nascidos. Ele também diz que as mesmas almas são reproduzidas ora em um homem, ora em uma ovelha, ora em um animal selvagem, ora em um pássaro... Essa opinião de um homem insensato é ridícula." Outro testemunho importante

vem do maior teólogo da igreja antiga do século V, Agostinho. Ele estava familiarizado com as teorias de reencarnação tanto maniqueístas quanto platônicas do seu tempo. Em um comentário sobre Gênesis, ele rejeitou como contrária à fé cristã a ideia de que as almas humanas retornavam em corpos de diferentes animais, de acordo com a sua conduta moral (transmigração).

Em A Cidade de Deus (Livro X, Cap. 30), o bispo de Hipona observa que, embora o filósofo neoplatônico Porfírio tenha rejeitado esse conceito ensinado por Platão e Plotino, e não hesitasse em corrigir os seus mestres nesse ponto, ele achava que as almas humanas voltavam em outros corpos humanos. Sobre essa questão (metempsicose) o Espiritismo corrige o equívoco de Pitágoras. Atualmente para alguns cristãos a "prova" da unicidade da vida humana está inserta no cap. 9 versículo 27 da carta de Paulo aos Hebreus: "aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo". Será que Jesus atribuiu para a vida atual um valor decisivo para toda existência posterior a morte? No debate, os convictos da unicidade proclamam a ressurreição, mas sobre esse fenômeno sobrenatural é imperioso refletir sobre os casos da filha de Jairo (Mt.9:18-26), do filho da viúva de Naim (Lc.7:11-17), e do próprio Lázaro (Jo.11:1-44), se ambos "ressuscitaram" como crêem tais cristãos, como ficaria a evocação da carta aos Hebreus acima para se negar a reencarnação"? recordemos que ambos os "ressuscitados" não teriam morrido uma só vez. Á propósito sequer estavam mortos, apenas acometidos de catalepsia.(7)

Jesus asseverou que a verdade libertaria o homem, se a verdade (reencarnação) está sendo negada aos cristãos atualmente, fica evidente que os mesmos não se encontram livres,ou o que é pior estão algemados aos férreos dogmas humanos, disseminados pelos negadores contumazes do princípio natural da reencarnação, forjadores de uma fé entronizada nos pináculos da ficção, do mito e dos celestes devaneios do imaginário teológico. Na máxima "nascer, morrer, renascer e progredir incessantemente tal é a Lei" encontramos o mais legítimo processo universal de aplicação dos códigos de

justiça nas Leis do Criador.

Notas e Referências bibliográficas:

(1) Pitágoras de Samos (séc. VI a.C.), filósofo e matemático grego. Seus seguidores, os pitagóricos, que, dos sécs. VI ao IV a.C., organizados em comunidades filosófico-religiosas multiplicadas pela Magna Grécia, constituíram a chamada escola itálica ou escola pitagórica. Define-se o pitagorismo por duas tendências: a místico-moralista, ligada ao orfismo e ao xamanismo, e a filosófico-matemática, de que resultou brilhante acervo de conhecimentos aritméticos, geométricos, astronômicos e acústicos, integrados pelo descobrimento de correspondências numéricas entre as várias ordens de realidade.

(2) Diz-se de, ou adepto do gnosticismo, movimento filosófico-religioso surgido nos primeiros séculos da nossa era e diversificado em numerosas seitas, e que visava a conciliar todas as religiões e a explicar-lhes o sentido mais profundo por meio da gnose (conhecimento esotérico e perfeito da divindade, e que se transmite por tradição e mediante ritos de iniciação).

(3) Morreu em 254 D.C, na cidade de Tiro, em virtude da perseguição de Décio, mais conhecido pelo nome de Trajano, o qual era um incansável opositor do Cristianismo.

(4) Órgão colegiado e permanente do governo eclesiástico das Igrejas do Oriente.

(5) Vigílio (537 - 555) Nasceu em Roma de família nobre. Foi eleito graças à simonia, à calúnia e à cumplicidade da imperatriz Teodora. De caráter débil, foi vítima de chantagens por parte da imperatriz e do imperador Justiniano. Morreu em Siracusa, quando voltava a Roma após demorada visita ao Oriente.

(6) Há quem afirme que foi por influência de Teodora, esposa de Justiniano, que gostaria de ser divinizada, porém por ter sido ex-cortesã mandou matar as antigas colegas (500 mulheres) porque se mostravam orgulhosas por sua antiga "AMIGA" que se havia tornado imperatriz. Os fregueses das

meretrizes mortas lançaram à Teodora um anátema: suas próximas 500 reencarnações terminaria sempre de forma trágica. (se non é vero, é bene trovato).

(7) Estado em que se observa uma rigidez cérea dos músculos, de modo que o paciente permanece na posição em que é colocado. [Observa-se a catalepsia principalmente em casos de demência precoce e de sono hipnótico.] Pitágoras de Samos (séc. VI a.C.), filósofo e matemático grego. Seus seguidores, os pitagóricos, que, dos sécs. VI ao IV a.C., organizados em comunidades filosófico-religiosas multiplicadas pela Magna Grécia, constituíram a chamada escola itálica ou escola pitagórica. Define-se o pitagorismo por duas tendências: a místico-moralista, ligada ao orfismo e ao xamanismo, e a filosófico-matemática, de que resultou brilhante acervo de conhecimentos aritméticos, geométricos, astronômicos e acústicos, integrados pelo descobrimento de correspondências numéricas entre as várias ordens de realidade.

Evocar ou não espírito, uma breve reflexão espírita

Qual a importância da evocação dos Espíritos nos dias de hoje? Será inadmissível ou errada a evocação dos desencarnados? É incontestável não haver qualquer dispositivo que impeça a evocação (1) dos Espíritos na Codificação. Porém, Kardec faz ressalvas sobre o tema: “frequentemente as evocações oferecem mais dificuldades aos médiuns do que os ditados espontâneos, sobretudo quando se trata de obter respostas precisas a questões circunstanciadas. Para isto, são necessários médiuns especiais, ao mesmo tempo flexíveis e positivos”. (2) Portanto, sem esse discernimento, se alguém evocar uma pedra ela responderá, pois “há sempre uma multidão de Espíritos prontos a tomar a palavra sob qualquer pretexto.” (3)

Atualmente há cauteloso exercício da não evocação dos Espíritos. Como interpretar o empecilho evocatório nos grupos mediúnicos? Cremos que inexista qualquer proibição pelos dirigentes; o que acontece são apenas critérios de aconselhamentos para que tal prática seja evitada, em face das precipitações que proporciona. Em que pese não ser totalmente favorável à evocação dos Espíritos, não analisamos tal método como “coisa demoníaca”, desde que sejam aferidos os relevantes desígnios a que se propõem e, sobretudo, os valores morais dos evocadores.

A propósito das manifestações mediúnicas espontâneas, será que são menos perigosas do que as evocações? O Codificador afiança que a evocação traça laços entre o evocador e o evocado, que impedem ou pelo menos limitam a interferência de um mistificador. Todavia, Kardec também assegura que “as comunicações espontâneas não apresentam inconveniente algum e que por esse método se podem obter coisas admiráveis.”. (4)

Em verdade, no transcurso dos anos adveio uma mudança no método de intercâmbio com o além. Entre os importantes pontos que avalizam a restrição da prática evocatória atual, consta a desconfiança da indução, do sugestionamento ou do animismo do médium, além do quê, este acabaria quase que na obrigação de "receber espírito tal ou qual", sobretudo para atender ao dirigente e ao grupo.

Outros aspectos a considerar são a sujeição e a inibição que, via de regra, escoltam esse tipo de exercício mediúnico (evocação), originários da perspectiva quase sempre mística cultivada em torno do médium. Cremos que a modificação do processo evocatório nas reuniões mediúnicas ocorreu porque não surtiu, após a Codificação, os efeitos almejados. Ou o mais provável, por não se obterem médiuns "desenvolvidos" com qualidades adequadas ou, em última análise, ambas as condições.

Do exposto, e considerando as graduais etapas da programação espírita na Terra, será que atualmente deveríamos promover (como ocorreu durante a codificação), um diálogo escancarado e direto com os recém-desencarnados, visando obter notícias dos mesmos para seus familiares que aqui ficaram? Quantas pessoas procuram grupos espíritas querendo notícias dos entes que "partiram"? Será que a finalidade da mediunidade é essa?(5) Há pessoas (pasmem!) que "orientam" médiuns através de cursos "avançados", ensinando algum tipo de "técnica" para "receberem recém-desencarnados". Tais "mestres de Espiritismo" afirmam com bazófia que alguns jovens e outros "formandos" estarão dentro em breve prestando [através da evocatória mágica] os "serviços" de consolação para os parentes que por aqui ficaram!...(?!?!?) Acredite se quiser!!!!(6)

Reafirmamos a opinião de Emmanuel – "qualquer comunicação com o invisível deve ser espontânea, e o espírita cristão deve encontrar na sua fé o mais alto recurso de cessação do egoísmo humano ponderando quanto à necessidade de repouso daqueles a quem amou, e esperando a sua palavra direta, quando e como julguem os mentores espirituais conveniente e oportuno". (7) O bom senso nos

impõe a certeza nas lições aqui consignadas pelo Mentor de Chico Xavier. O lembrete não pode ser atribuído à opinião pessoal do Benfeitor, como soi apostilar alguns, até porque não há qualquer contradição doutrinária no seu discurso.

Um grupo espírita prudente trabalha com a espontaneidade das comunicações e recorre às evocações tão só nas situações extraordinárias. Até porque "no curso do trabalho mediúnico, os esclarecedores não devem constranger os médiuns psicofônicos a receber os desencarnados presentes, repetindo ordens ou sugestões nesse sentido, atentos ao preceito de espontaneidade – fator essencial ao êxito do intercâmbio."(8)

Notemos que não temos domínio sobre o mundo dos Espíritos que, para desagrado dos evocadores, têm suas próprias normas de conduta. Quanto aos principiantes na mediunidade, Kardec adverte energicamente “para que não se adote a evocação direta de um Espírito explicando as dificuldades do processo e aconselhando um apelo geral.”. (9)

Há circunstâncias reais que inibem ou obstam aos Espíritos atender os evocadores quando lhes são dirigidas as evocações. Observemos algumas situações que tornam a evocação impossível: quando o desencarnado está envolvido em missões ou ocupações de que não pode afastar-se; quando o Espírito não estiver mais no além, porém já (re)encarnado (só excepcionalmente pode acontecer evocação de um encarnado), mas isso é impossível se estiver reencarnado em planetas inferiores à Terra; quando o evocado etéreo se encontra em locais de punição e não tem permissão para dali se afastar; quando o médium evocador, por sua natureza ou aptidão, não consegue entrar em sintonia mediúnica com o Espírito evocado.

Além disso, como pronunciou Kardec, “as evocações oferecem mais dificuldades aos médiuns.”.(10) Certa vez, alguém nos disse o seguinte: “os dirigentes que estão propondo atualizar suas casas espíritas necessitam abdicar o entendimento contrário às evocações, pois se não houver evocações o centro espírita ficará impedido de curar obsessões (!?...), deixando de realizar uma das mais importantes obras do Espiritismo: a libertação obsessiva” (!!!???). Expliquei ao distinto evocador que o tratamento de desobsessão não é a

“obra” mais imperiosa da instituição espírita. A mais importante missão do centro espírita é difundir os conceitos doutrinários, visando colaborar na reforma moral do homem. Outra coisa: o Espiritismo jamais recomendará a propagação dos impróprios métodos de exorcismo batizados de desobsessão através de ingênuas evocações.

Para Leon Denis, não é indispensável fazer evocações definidas. No grupo que dirigiu, raramente ocorreram evocações, pois “preferia dirigir um apelo aos guias e protetores habituais, deixando a qualquer Espírito a liberdade de se manifestar sob sua vigilância.”. (11) Denis legou-nos modelos excelentes de reuniões onde se cultivava a reverência intensa aos mentores do além, em que a mediunidade era desempenhada com amor, sem que houvesse perda ao estudo e à investigação.

Ademais será que impedindo ou sugerindo a não evocação de Espíritos, o campo de pesquisa na instituição se fecha e tudo fica entregue ao “Deus dará”? Será que sem as evocações de Espíritos advirá a pobreza de revelações “avançadas” do além? Há opiniões extravagantes atestando que as manifestações espirituais espontâneas são fonte de improdutividades doutrinárias, o que torna o centro espírita inerme e de onde se faz necessário sair com urgência. (Pasmem!)

Evocar ou não um Espírito é assunto que necessita, assim, ser bem ponderado, tendo sempre em mente a intenção a que ela se presta. André Luiz reafirmou o parecer firmado por Emmanuel, aconselhando a supressão, em nosso meio, “da prática da evocação nominal dos Espíritos.”. (12)

A técnica evocativa dos Espíritos teve sua época, como tiveram as mesas girantes, as pranchetas, as tiptologias, as pneumatografias e pneumatofonias, as materializações etc. Como também teve sua época “o diálogo com os Espíritos através da psicografia. O retorno ao método da evocação, inclusive, não dinamizaria as atividades mediúnicas e nem propiciaria o surgimento de médiuns mais aptos e seguros. No caso destes é exatamente o contrário: o surgimento de médiuns mais adestrados é que possibilitaria (talvez) as condições para as evocações.”. (13)

Em síntese, a evocação pode ser empregada eventualmente, priorizando-se, porém, as comunicações espontâneas. Óbvio que nenhum dos dois métodos deve ser rejeitado radicalmente, até porque isso ocasionaria prejuízos nas atividades da mediunidade nos seus vários aspectos, seja na eventual terapêutica dos quadros obsessivos, na assistência aos espíritos sofredores ou nas investigações dos fenômenos extrafísicos.

Referências Bibliográficas:

(1) A palavra "evocar" deriva do latim "evocare" que significa atrair “alguém” de algum lugar.

(2) Kardec, Allan. O Livro dos médiuns, Rio de Janeiro: Editora FEB, 1971,cap. 25 item 272

(3) Idem, item 283a

(4) Idem , item 269

(5) Hessen, Jorge. Artigo “Técnicas para notícias de desencarnados”, no site http://aluznamente.com.br/tecnicas-para-noticias-de-desencarnados-lembremos-que-o-telefone-toca-de-la-para-ca/ acessado em 12/03/2013

(6) Idem , acessado em 13/03/2013

(7) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed FEB, Questão 380

(8) Xavier, Francisco Cândido: Desobsessão ditado pelo Espírito: André Luiz cap. Manifestação do enfermo espiritual III, RJ: Ed. FEB, 1980

(9) Kardec, Allan. O Livro dos médiuns, Rio de Janeiro: Editora FEB, 1971,cap. 17 item 203

(10) Idem , item 272

(11) Denis, Leon, No invisível RJ: Ed FEB, 1990, disponível http://vademecumespirita.com.br/goto/store/texto/611/orientacoes-de-leon-denis-para-novos-grupos-e-iniciantes-de-reunioes-mediunicas

(12) Xavier, Francisco Cândido e Vieira, Waldo. Conduta Espírita, ditado pelo espírito André Luiz, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2001, cap 25

(13) Shubert, Suely Caldas. Artigo – “Da evocação dos

Espíritos nas reuniões mediúnicas", Disponível em http://suelycaldasschubert.webnode.com.br/artigos/ acessado em 12/03/2013

ENTREVISTA - JORNAL VERDADE E VIDA

Por Renata Girodo / São Paulo

Jornal Verdade e Vida: Defina mediunidade e os diferentes tipos que podem se apresentar.

Jorge Hessen: Podemos definir mediunidade como a capacidade que temos de perceber a influência ou ensejar a comunicação dos Espíritos. Em o Livro dos Médiuns - cap. XIV, Allan Kardec assegura serem raros os que não têm essa percepção. Para Emmanuel, é aquela luz que seria derramada sobre toda carne. É atributo do Espírito, patrimônio da alma imortal, elemento renovador da posição moral da criatura terrena. Em algumas pessoas a mediunidade é ostensiva e precisa ser disciplinada; noutras jaz latente, podendo revelar-se episódica. Numa definição mais circunscrita, a mediunidade tem um aproveitamento mais limitado, aplicando-se às pessoas dotadas de uma capacidade intercessora, seja para a produção de efeitos físicos, seja para transmitir o pensamento dos Espíritos pela escrita ou pela palavra. Para o Codificador, a mediunidade de efeitos físicos são as materializações, curas, transfiguração, pneumatofonia, pneumatografia, e a mediunidade de efeitos intelectuais são a intuição, psicografia, psicofonia, vidência, audiência, dentre outras.

Jornal Verdade e Vida: Em sua opinião, a mediunidade pode se apresentar em todas as religiões? Por que ainda existe uma resistência de outros credos ao termo mediunidade?

Jorge Hessen: Sim! Relembremos que a mediunidade é a “luz que seria alastrada sobre toda carne”, consoante anunciado por Jesus. A oposição de outros credos quanto à

mediunidade conferimos basicamente à superstição e a falta de informação correta sobre a fenomênica mediúnica. Cremos que, quando os seguidores de outras designações religiosas compreenderem que o Cristo sancionou a mediunidade para todos os seus seguidores, a partir de então as suas igrejas beberão nas fontes límpidas dos fenômenos psíquicos, beneficiando-se com as suas imarcescíveis luzes.
Jornal Verdade e Vida: Você acredita que ainda hoje médiuns que não entendem o seu dom podem ser enviados a clínicas de repouso, sendo considerados com problemas psicológicos e mentais?

Jorge Hessen: Com certeza! Dificuldades psicológicas e mentais podem ter vinculação com a obsessão (mediunidade torturada) que, mormente altera-se em demência, não só porque a lei das provações também o decreta, como igualmente na suposição de o obsedado oferecer-se voluntariamente ao embaraço das forças negativas do além que o circundam, elegendo essa espécie de provas.

Jornal Verdade e Vida: Existe diferença entre a mediunidade natural e a desenvolvida?

Jorge Hessen: Considerando que mediunidade é a “luz derramada na carne”, então ela é natural, e portanto inerente a todos os homens. Nenhuma pessoa necessitará forçar o “desenvolvimento” da mediunidade, até porque, nesse território, toda a espontaneidade é imperiosa. É extremamente importante expor que a mediunidade não pode ser produto de afoiteza em qualquer setor da atividade doutrinária, pois que, em tal contexto, avigoramos a lembrança de que toda a espontaneidade é imprescindível, ponderando-se sempre que as empreitadas mediúnicas são conduzidas pelos instrutores do plano espiritual.

Jornal Verdade e Vida: Como a mediunidade surge nas crianças e como ela deve ser tratada?

Jorge Hessen: A mediunidade pode surgir espontaneamente em qualquer idade. Cremos que na criança há inconveniência do exercício da faculdade por ser muito perigoso, pois seu organismo frágil e delicado padeceria de sequelas. Por isso os pais prudentes devem afastá-las dessas ideias. Exceção feita, porém, segundo Kardec aclara no Cap. XVIII, as crianças que são médiuns inatos, quer de efeitos físicos, quer de escrita e de visões. Nesse caso, quando numa criança a faculdade se mostra espontânea, é que está na sua natureza e que a sua constituição se presta a isso. O mesmo não acontece quando é provocada e sobre-excitada. Note-se que a criança que tem visões geralmente não se impressiona com estas, que lhe parecem coisa naturalíssima, a que dá muito pouca atenção e quase sempre esquece. Mais tarde o fato lhe volta à memória e ela o explica facilmente, se conhece o Espiritismo.

Jornal Verdade e Vida: Qual o mecanismo de desenvolvimento de mediunidade nos nossos irmãos menores – os animais?

Jorge Hessen: Os animais, por não possuírem a faculdade do raciocínio, não têm capacidades mediúnicas conforme entendemos. Apesar disso, determinados animais têm sensibilidades psíquicas rudimentares, harmônicas à sua condição evolutiva, pelo meio das quais podem “perceber” Espíritos. Em O Livros dos Médiuns, Cap. XXII, abeira-se do tema certificando que Espíritos podem tornar-se visíveis e tangíveis aos animais e, muitas vezes, o medo súbito que os animais denotam é determinado pela visão de Espíritos mal-intencionados em relação aos humanos presentes, lembrando porém, que nesse caso é sempre necessário o concurso, consciente ou inconsciente, de um médium humano, porque é imprescindível a união de fluidos magnéticos análogos, o que não existe nem nos animais (irracionais), nem na matéria grosseira.

Jornal Verdade e Vida: Explique sobre o propósito da

mediunidade, e como os médiuns auxiliam os encarnados e desencarnados.

Jorge Hessen: O principal desígnio da mediunidade, sobretudo a ostensiva, é a correção dos desacertos praticados, nesta vida e noutras encarnações. Considerando que o médium precisa praticar os valores cristãos para ser leal ao seu programa espiritual, vai ajustando as tendências de reassumir os erros contidos no pretérito recente ou remoto. O atendimento pela psicografia, psicofonia, seja para orientação de encarnados ou de desencarnados, cura física e espiritual, clarividência ou clariaudiência ou qualquer outra manifestação mediúnica, está sempre permitindo ao médium a correção dos seus defeitos, ao mesmo tempo m que traz consolo e ensinamento a todos os necessitados.

Jornal Verdade e Vida: O que você pensa a respeito de pessoas que se utilizam da mediunidade, cobrando para fazer intercessões ao mundo espiritual?

Jorge Hessen: Se um médium resolve fazer da mediunidade uma fonte de renda material, será mais prudente olvidar suas potencialidades psíquicas e não se arriscar pelo chão delicado dos assuntos espirituais. A mercantilagem no trato dos capítulos intensos da alma institui um comércio delinquente, do qual o médium imprevidente precisará aguardar no amanhã os resgates mais sinistros.

Jornal Verdade e Vida: Como o médium poderá controlar a manifestação de espíritos em ambientes não adequados?

Jorge Hessen: Depende da estatura moral do médium. O centro espírita, em tese, não pode ser apenas uma construção de cimento e tijolo. Não é o ambiente físico que influencia o exercício mediúnico, mas a postura moral do médium e do grupo. Uma Casa Espírita bem dirigida tende a se saturar das vibrações favoráveis para o intercâmbio com o além; porém, lamentavelmente há gravíssimos conflitos ideológicos e

pessoais em vários núcleos espíritas, e nesses casos não recomendaria a prática mediúnica de nenhuma espécie, exceto a oração e o “jejum” mental.

Execramos o conceito do tal “fora do centro espírita não há salvação”. Nossas grandes inspirações para escrever ocorrem dentro de nossa casa. Os grandes médiuns desempenharam tarefas de psicografia fora do Centro Espírita - basta lembrarmos que O Livro dos Espíritos foi recebido em reuniões familiares. Se examinarmos médiuns como Ivone Pereira, Chico Xavier, Zilda Gama, Frederico Junior, e mesmo as obras da codificação, notaremos reuniões mediúnicas e recebimento de mensagens em lugares muito diferentes de um Centro Espírita.

É bem verdade que para o médium ter um horário fixo, um grupo definido, um ambiente específico para essa finalidade, o centro pode facilitar a tarefa - não pela edificação material, mas pela disposição mental em que devem se achar os médiuns para isso. Naturalmente há tarefas complexas, como a desobsessão, por exemplo, que segundo creio, o ideal seja realizado impreterivelmente no Centro Espírita.

Jornal Verdade e Vida: Todos os médiuns conseguem ouvir e ou enxergar os seus guias espirituais, ou essa ação é variável?

Jorge Hessen: Há os que ouvem espíritos através de uma espécie de voz interior, que se faz ouvir no foro íntimo, mas há os que podem ouvir a voz exterior, clara e distinta, qual a de uma pessoa encarnada. Nesse caso, podem até mesmo travar conversação com os Espíritos. Para o Codificador, essa faculdade é muito agradável quando o médium ouve apenas Espíritos bons; já não o é quando um Espírito mau se lhe agarra, fazendo-lhe ouvir a cada instante as coisas mais desagradáveis e não raro as mais inconvenientes.

Quanto aos médiuns videntes, alguns poucos gozam dessa faculdade em estado normal, quando perfeitamente acordados. Kardec ressalta no Livro dos Médiuns que raro é que a vidência se mostre permanente – quase sempre é efeito de uma crise passageira. A faculdade de ver os Espíritos pode ser

desenvolvida, mas é uma das de que convém esperar o desenvolvimento natural, sem o provocar, em não se querendo ser joguete da própria imaginação. Para o Codificador, médiuns videntes propriamente ditos são raros e há muito que desconfiar dos que se inculcam possuidores dessa faculdade. É prudente não se lhes dar crédito, senão diante de provas positivas. E fora de dúvida que algumas pessoas podem enganar-se de boa-fé, porém outras podem também simular essa faculdade por amor-próprio ou por interesse.

Jornal Verdade e Vida: O tipo de mediunidade mais popular é a psicografia? Você acredita que Chico Xavier foi o principal divulgador dessa técnica?

Jorge Hessen: Entendemos que a mais notória das mediunidades seja a psicografia, e Francisco Cândido Xavier o mais admirável médium psicógrafo de todos os tempos.

Jornal Verdade e Vida: Como diferenciar experiências fora do corpo e as viagens ao plano espiritual dos sonhos?

Jorge Hessen: Pronunciam os Espíritos que uma experiência fora do corpo pode ser natural ou provocada. Deste modo, através do desdobramento podemos "percorrer" espaços imensuráveis com a velocidade do pensamento e nos deslocar para confins remotos (Europa, por exemplo, e visitarmos um parente encarnado). Entretanto, qualquer "viagem" para as chamadas colônias espirituais, acreditamos ser tarefa mais intricada – urge um "passaporte" dos Benfeitores que outorgam ou não o acesso, e o fato pode advir durante o sono.

Jornal Verdade e Vida: Por que comer carne vermelha pode trazer prejuízos à energia do médium no momento do passe ou da ajuda aos desencarnados na mesa mediúnica?

Jorge Hessen: Conquanto os Benfeitores não desaprovem a alimentação animal, segundo questão 723 do Livro dos Espíritos, não recomendamos a ingestão de carne nos dias de

tarefas mediúnicas. Os Bons Espíritos corroboram nossa assertiva quando ilustram na questão 724 que é importante privar-nos de comer carne em benefício dos outros. Emmanuel explana no item 129 do livro O Consolador que o consumo de carne é um vício de nutrição de enormes consequências, por isso devemos trabalhar pelo advento de uma Nova Era em que dispensaremos a alimentação dos despojos sangrentos dos animais.

Jornal Verdade e Vida: No mundo de regeneração pelo qual a terra passará você acredita que a ciência comprovará a existência da mediunidade?

Jorge Hessen: A comprovação da mediunidade será a grandiosa tarefa da ciência. Cremos que será uma das profundas conquistas científicas, objetivando despertar e iluminar a consciência humana, de modo que o homem se recomponha como ser integral (matéria e espírito) e próspero período de vida social se exprima na Terra, em lares espiritualizados, para a nova era da Humanidade.

Jornal Verdade e Vida: Deixe uma mensagem final aos leitores do Jornal Verdade a Vida.

Jorge Hessen: Instruem-nos os Benfeitores que o médium sem Evangelho pode prover os mais erguidos subsídios para a filosofia e ciência humanas; mas não poderá ser um missionário pelo coração. O médium evangelizado consegue aperfeiçoar a modéstia no amor às empreitadas do cotidiano, na tolerância iluminada, na diligência educativa de si mesmo, conseguindo também erguer-se para a defesa da sua tarefa de amor, protegendo a verdade sem contemporizar com os princípios no momento oportuno. O apostolado mediúnico, segundo Emmanuel, exige o trabalho e o sacrifício do coração, onde a luz da comprovação e da referência é a que nasce do entendimento e da aplicação com Jesus-Cristo.

Obrigado!

Jorge Hessen

Jornal "O Imortal" publica artigo sobre a obsessão

Publicado no Jornal O Imortal /Dez/2010

Obsessão espiritual, causa das grandes angústias humanas

"Para garantir-nos contra a sua influência urge fortalecer a fé pela renovação mental e pela prática do bem nos moldes dos códigos evangélicos."

Confrades vez ou outra nos indagam por que viver na Terra é tão complicado e quase sempre tão amarga é a vida? Digo-lhes que essa sensação eventualmente pode ser uma aspiração à felicidade e à liberdade e que, algemado ao envoltório físico que nos serve de cárcere, aplicamo-nos a inúteis esforços para dele sair. Contudo, alguns se abatem no desencorajamento, e a todo o instante reverberam suas lamentações. Mas é preciso resistir energicamente a essas sensações de desânimo e desesperanças, porque os sonhos para a felicidade de viver são intrínsecos a todos os homens, embora não a devamos sofregamente procurar somente na experiência material e transitória da vida terrena.

Comentando sobre a melancolia, encontramos em O Evangelho segundo o Espiritismo o Espírito François de Genève, ditando o seguinte: “Precisamos cumprir, durante nossa prova terrena, tarefas e compromissos que não suspeitamos, seja no que tange à devoção à família, ou cumprindo diversos deveres que Deus nos confiou. Se no transcurso dessa experiência, no desempenho das tarefas, observamos os cuidados, as inquietações, os desgostos esmagarem nossos ânimos d'alma, sejamos fortes e corajosos para derrotá-los. Avancemos e encaremos sem temor; pois que as aflições são de curta duração e devem nos conduzir para situações bem melhores no futuro”.

Há, porém, muitas amarguras que podem ter suas origens na infidelidade aos compromissos cristãos, daí a melancolia se instala no ser, do que poderá resultar um processo obsessivo. Mas o que é uma obsessão? Etimologicamente, o termo tem sua origem no vocábulo obsessione, palavra latina que significa impertinência, perseguição. Para alguns estudiosos espíritas, a obsessão é percebida como um grande flagelo mundial. Essa visão se reveste de profunda gravidade na sociedade, que atualmente está bem instrumentalizada tecnologicamente, seja no campo das comunicações e da informática, seja nas outras áreas do saber, ampliando e aprofundando as responsabilidades de cada um em face da vida coletiva.

Obsessão é uma influência maléfica na mente.

Aurélio Buarque define obsessão como sendo uma preocupação com determinada ideia, que domina doentiamente o espírito, resultante ou não de sentimentos recalcados; ideia fixa; mania. Da mesma forma a terminologia obsessão é usada, vulgarmente, para significar ideia fixa em alguma coisa, tique nervoso, gerador de manias, atitudes estranhas etc. Entretanto, sob o ponto de vista espírita, o termo tem um significado e interpretação mais amplos. Consubstancia-se numa influência maléfica relativamente persistente que desencarnados e/ou encarnados, tão ou mais atrasados que nós mesmos, podem exercer sobre a nossa vida mental.

Para a escola clássica da psiquiatria, obsessão é um pensamento, ou um impulso, persistente ou recorrente, indesejado e aflitivo, que vem à mente involuntariamente, a despeito de tentativa de ignorá-lo ou de suprimi-lo. Psiquiatras que não admitem nada fora da matéria não podem entender uma causa oculta (espiritual), mas quando a academia científica tiver saído da rotina materialista, ela reconhecerá na ação do mundo invisível que nos cerca e no meio do qual vivemos uma força que reage sobre as coisas físicas, tanto quanto sobre as coisas morais. Esse será um novo caminho aberto ao progresso e a chave de uma multidão de fenômenos mal compreendidos do psiquismo humano.

E, óbvio, não descartando a possibilidade da anomalia psicossomática, a Doutrina Espírita faz-nos conhecer outras fontes das misérias humanas, mantidas pela fragilidade moral dos seres. Reconhecemos que o uso dos fármacos antidepressivos estabelece a harmonia química cerebral, melhorando o humor do paciente, no entanto, agem simplesmente sobre os efeitos, uma vez que os medicamentos não curam a obsessão em suas intrínsecas causas, apenas restabelecem o trânsito das mensagens neuroniais, corrigindo o funcionamento neuroquímico do SNC (sistema nervoso central). Sócrates já afirmava que "se os médicos são malsucedidos, tratando da maior parte das moléstias, é que tratam do corpo, sem tratarem da alma".

Por insinceridade, em nosso tênue esforço para a reforma moral, obstamos as relações equilibradas e equilibrantes conosco e com o próximo. Toda a nossa desarmonia leva a desenvolver sintonias viciosas com outras mentes doentias, seja de desencarnados ou encarnados, o que aguça sobremaneira nosso próprio desarranjo interior, resultando daí as ingentes dificuldades para nos libertarmos das algemas em que nos aguilhoamos ante as garras do mal.

Na intimidade do lar, da família ou do Centro Espírita, do ambiente de trabalho profissional, adversários ferrenhos do pretérito se reencontram. Convocados pelos Benfeitores do Além ao reajuste, raramente conseguem superar a aversão de que se veem possuídos uns à frente dos outros, e (re)alimentam com paixão, no imo de si mesmos, os raios tóxicos da antipatia que, concentrados, se transformam em pontiagudos dardos magnéticos, suscetíveis de provocar a enfermidade e a própria morte.

A obsessão espiritual é sintonia ou troca de vibrações afins. Kardec define obsessão como a ação persistente que um Espírito inferior exerce sobre um indivíduo, apresentando caracteres variados que vão desde a simples influência moral, sem sinais exteriores perceptíveis, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. A obsessão é o encontro de forças inferiores retratando-se entre si.

As múltiplas facetas da obsessão

Há quadros de obsessões explodindo por todos os lados em todos os níveis, quais sejam de desencarnados sobre encarnados e vice-versa; de encarnados sobre encarnados, bem como de desencarnados sobre desencarnados.

Nosso mundo mental rege a vida que nos é peculiar em todas as suas dimensões, contudo, nos encontramos ainda no início do entendimento das implicações da força mental, do significado e abrangência das construções mentais na vida. Os obsessores são hábeis e inteligentes, perfeitos estrategistas que planejam cada passo e acompanham as presas por algum tempo, observando suas tendências, seus relacionamentos, seus ideais. Identificam seus pontos vulneráveis (quase sempre ligados ao descaminhamento sexual) e os exploram pertinazes.

O pensamento exterioriza-se e projeta-se, formando imagens e sugestões que arremessa sobre os objetivos que se propõe atingir. Quando bom e edificante, ajusta-se às Leis que nos regem, criando harmonia e felicidade, todavia, quando desequilibrado e deprimente, estabelece aflição e ruína. A química mental vive na base de todas as transformações, porque realmente evoluímos em profunda comunhão telepática com todos aqueles encarnados ou desencarnados que se afinam conosco.

Nosso universo mental é como um céu, mas do firmamento descem raios de sol e chuvas benéficas para a vida planetária, assim como, no instante do atrito de elementos atmosféricos, desse mesmo céu procedem faíscas elétricas destruidoras. Da mesma forma funciona a mente humana. Dela se originam as forças equilibrantes e restauradoras para os trilhões de células do organismo físico, mas, quando perturbada, emite raios magnéticos de elevado teor destrutivo para a nossa estrutura psíquica.

O mestre lionês redarguiu dos Espíritos, na questão 466 d' O Livro dos Espíritos, por que permite Deus que os obsessores nos induzam ao mal? Os Espíritos responderam: "Os seres imperfeitos são instrumentos destinados a experimentar a fé e a constância dos homens na prática do bem. Como Espírito,

deveis progredir na ciência do infinito, razão por que passais pelas provas do mal, a fim de chegardes ao bem. Nossa missão é a de colocar-vos no bom caminho e quando más influências agem sobre vós, é que as atraís, pelo desejo do mal. Os Espíritos inferiores vêm em vosso auxílio no mal, sempre que desejais cometê-lo; e só vos podem ajudar no mal quando quereis o mal. Então, se vos inclinardes para o assassínio, tereis uma nuvem de Espíritos que vos alimentarão esse pendor. Entretanto, tereis outros que procurarão influenciar-vos para o bem. Assim se restabelece o equilíbrio e ficais senhor de vós mesmos".

Renovação moral como base para a desobsessão espiritual

O venerável Codificador, em O Livro dos Médiuns, afirma que as imperfeições morais dão acesso aos obsessores e o meio mais seguro de nos livrarmos deles é atrair os bons Espíritos pela prática do bem. A obsessão é impotente diante de Espíritos redimidos! E o que é um Espírito redimido? É aquele que reconhece as suas limitações e, como enunciado pelo apóstolo Paulo, sente a alegria de saber-se "matriculado na escola do bem".

Esse desarranjo psicoespiritual deverá ser eliminado da sociedade no instante em que o lídimo exemplo do amor for experimentado e disseminado em todas as direções, consoante Jesus consubstanciou e vivenciou até as agruras da morte, prosseguindo desde tempos apostólicos até os dias atuais.

O Espiritismo, desvendando a intervenção dos Espíritos endurecidos no mal em nossas vidas, lança luzes sobre questões ainda desconsideradas pelas ciências materialistas como de causa psicopatológica.

Muitas vezes procurado pelos obsidiados, o Cristo penetrava psiquicamente nas causas da sua inquietude e, usando de sua autoridade moral, libertava tanto os obsessores quanto os obsidiados, permitindo-lhes o despertar para a vida animada rumo à recuperação e à pacificação da própria consciência. Porém, é muito importante lembrar que Jesus não libertou os obsidiados sem lhes impor a intransferível necessidade de

renovação íntima, nem expulsou os perseguidores inconscientes sem fornecer-lhes o endereço de Deus.

Conclusão

Em síntese, identificamos sempre na obsessão (espiritual) o resultado da invigilância e dos desvios morais. Para garantir-nos contra a sua influência urge fortalecer a fé pela renovação mental e pela prática do bem nos moldes dos códigos evangélicos propostos por Jesus Cristo, não nos esquecendo dos divinos conselhos do Vigiai e Orai.

Referências Bibliograficas:

Kardec, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo, Rio de Janeiro: Editora FEB, 2001, cap. V, item 25.

Dicionário Aurélio eletrônico; século XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

Xavier, Francisco Cândido. Nos Domínios da Mediunidade, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001, Cap. Dominação Telepática.

Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, GB., 2003, perg. 644.

Kardec, Allan. O Livro dos Médiuns, Rio de Janeiro: Editora FEB, 19987- (Mateus 26:41; Marcos 14:38; Lucas 21:36 e I Pedro 5:8).

Revista Espírita, fevereiro, março e junho de 1864. A jovem obsedada de Marmande.

Kardec, Allan. O Que é o Espiritismo, Cap. II, Escolho dos Médiuns, Rio de Janeiro: Editora FEB, 2003.

Kardec, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo, Resumo da doutrina de Sócrates e de Platão, item XIX, Rio de Janeiro: Editora FEB, 2001.

O Espiritismo diante das verdades bíblicas

O Velho Testamento narra que os hebreus passaram pelo meio do Mar Vermelho, no chão seco, com uma parede de água de cada lado, enquanto um forte vento soprava do leste. A grande controvérsia que persiste até hoje sobre essa travessia é o cenário do acontecimento, o qual não foi possível determinar com mais clareza. Inclusive, afirma-se que a fuga do Egito pelo Mar Vermelho seria menos verossímil do que pelo Mar dos Juncos. Por quê? É simples: analisemos que na Bíblia de Jerusalém, 21 (vinte e uma) passagens reportam à travessia, sendo que em 16 (dezesseis) vezes diz-se que foi no Mar dos Juncos e em apenas 5 (cinco) vezes que foi no Mar Vermelho. Há algo nesses informes desencontrados que está mal explicado. (1)

Há quem afirme que o local da travessia foi mesmo no Mar Vermelho, exatamente na extensão norte do Golfo de Suez, ao sul do atual porto. Talvez na região pantanosa e de lagunas, atravessada hoje pelo canal de Suez. Mas há estudiosos alegando que a localização dessa tal porção de mar é bastante incerta. Atualmente é impossível determinar com exatidão o lugar e o modo de como ocorreu o insólito episódio bíblico. Nesse caso, é muito problemático estabelecer uma relação razoável entre o que existe de possibilidade histórica e o que seja fruto de reelaborações épicas.

Carl Drews – do Centro Nacional de Pesquisas Atmosféricas, principal autor do estudo sobre a suposta travessia, publicado no site da Public Library of Science – e o oceanógrafo Weiqing Han – da Universidade do Colorado – acreditam ter descoberto o exato ponto onde Moisés teria “dividido” as águas do Mar Vermelho, há 3.000 anos. Segundo os pesquisadores, quando o vento sopra na localidade considerada, a água pode se levantar e se "dividir" naquela faixa de terra. Pelos seus cálculos, um

vento de 100 km/h, soprando durante 12 horas, teria sido capaz de empurrar a água em até dois metros de profundidade, por cerca de quatro horas – tempo suficiente para que Moisés e seu povo atravessassem para a liberdade. Contudo, Drews e Weiqing só não conseguem explicar como todo aquele povo se deslocaria pelo local sob uma ventania de 100 km/h.

Se a hipótese possui base científica, não se pode inferir seja verdadeira outra hipótese que lhe é contrária. Não há argumento que se possa sobrepor à autoridade dos fatos. Contudo, nesse caso, apesar do episódio impressionar, importa investigar se realmente aconteceu, seja como relatado pelos pesquisadores americanos, ou pelo Velho Testamento, que consigna apenas uma indicação difusa.

Há contradições históricas sobre detalhamento do fato. Observemos que o Velho Texto afirma que Moisés estendeu a mão sobre o mar, enquanto que o historiador Flávio Josefo afirma que "Moisés tocou o mar com sua vara maravilhosa e no mesmo instante ele se dividiu, para deixar os hebreus passar livremente, atravessando-o a pé enxuto, como se estivessem andando em terra firme."(2). Assim, temos duas versões para o mesmo fato.

Para o Espírito Emmanuel, "na trajetória do povo israelita, verifica-se que o Antigo Testamento é um repositório de conhecimentos secretos, dos iniciados do povo judeu, e que somente os grandes mestres deste povo poderiam interpretá-lo fielmente, nas épocas mais remotas."(3). O que nos falta, na verdade, é um conhecimento mais aprimorado da Bíblia, que nos possibilite descobrir o que ela mantém sob véu.

De qualquer modo, se houve a travessia, essa só pode ter ocorrido dentro das leis naturais. O espírita jamais endossaria os argumentos que tentam entronizar a travessia à conta de fenômeno sobrenatural ("milagre"), contrariando a ciência, o bom senso e a fé racional. Sabemos também que na Bíblia "a alegoria ocupa considerável espaço, ocultando sob véu sublimes verdades, que se patenteiam, desde que se desça ao âmago do pensamento, pois que logo desaparece o absurdo."(4)

O Espiritismo ressalta a cada passo a importância dos textos

do Velho Testamento. A Doutrina não vem, pois, destruir a base de qualquer religião, como alguns o supõem, mas, ao contrário, vem legitimá-las, sancioná-las por provas irrecusáveis. “Mas como é chegado o tempo de não mais empregar a linguagem figurada, eles [os Espíritos] se exprimem sem alegoria e dão às coisas um sentido claro e preciso que não possa estar sujeito a nenhuma interpretação falsa. Eis porque, dentro de algum tempo, teremos mais pessoas sinceramente religiosas e crentes que as que não temos hoje.”(5)

Cremos ser importante um estudo sério que contribua para um conhecimento novo em face das verdades veladas inseridas no Velho Texto. A Bíblia está repleta de narrativas que trazem, através dos símbolos, verdades e revelações surpreendentes, tanto quanto passagens e fatos que endossam e comprovam os fenômenos mediúnicos em seus vários aspectos, através dos profetas, que eram na verdade médiuns.

Pelas razões expostas, e por prudência é “no sentido relativo, que [o espírita] deve interpretar os textos sagrados.”(6)

Referências bibliográficas:

(1) Existem três tipos de Bíblia a definir: A Bíblia Judaica que para nós constitui o Velho Testamento, ou o Tanách com 24 livros, a Bíblia protestante com 66 livros e a Católica com 73 livros.

(2) Josefo, Flavio. História dos Hebreus. Trad. PEDROSO, V. Rio de Janeiro: CPAD, 1990. pág. 87.

(3) Xavier, Francisco Cândido. A Caminho da Luz, ditada pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001, pág. 67

(4) Kardec, Allan. A Gênese, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1974, cap. IV

(5) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1878, questão 1010

(6) Idem questão 1009

Obsessão, o encontro de forças inferiores...

Quando nos perguntam por que a vida é tão difícil e às vezes tão amarga, relembramos o Evangelho Segundo o Espiritismo que explica essa sensação pode ser uma aspiração à felicidade e à liberdade e que, preso ao corpo que nos serve de prisão, extenuamos em vão esforços para dele sair. Todavia, lamentavelmente alguns prostram no desencorajamento, e a todo o instante aguçam as lamúrias. É mister resistir estoicamente a esses desalentos e desesperanças, porque as aspirações para a felicidade plena são inatas a todos nós, mas, obviamente não as procuremos nessa vida transitória da Terra. Ressalta o Espírito François de Geneve que precisamos cumprir, durante nossa prova terrena, tarefas e compromissos que não suspeitamos, seja no que tange à devoção à família, ou cumprindo diversos deveres que Deus nos confiou. Se no transcurso dessa experiência, no desempenho das tarefas, observamos os cuidados, as inquietações, os desgostos esmagarem nossos ânimos d'alma, sejamos fortes e corajosos para derrotá-los.

Avancemos e arrostemos destemidos; pois que elas [as aflições] são de curta duração e devem nos conduzir para situações bem melhores no futuro. Porém, precisamos analisar sob outro enfoque quando as amarguras podem ter suas origens na infidelidade aos compromissos cristãos, daí a melancolia se instala em nosso ser, o que resultará numa obsessão ou brechas para as perturbações espirituais. A propósito dessa obsessão, etimologicamente o termo tem a sua origem no vocábulo obsessione, palavra latina que significa impertinência, perseguição, vexação. Para muitos estudiosos espíritas a obsessão é interpretada como um verdadeiro flagelo mundial.

Essa visão se reveste de profunda gravidade na sociedade,

atualmente bem instrumentalizada tecnologicamente, seja no campo das comunicações e informática e outras áreas do conhecimento científico, ampliando e aprofundando as responsabilidades de cada um em face da vida coletiva. Aurélio Buarque (dicionarista) define obsessão como preocupação com determinada ideia, que domina doentiamente o espírito, e resultante ou não de sentimentos recalcados; ideia fixa; mania.

Da mesma forma a terminologia obsessão é usada, vulgarmente, para significar ideia fixa em alguma coisa, tique nervoso, gerador de manias, atitudes estranhas etc. Porém, sob o enfoque espírita o termo tem um significado e interpretação mais amplos. Ou seja, consubstancia-se numa influência maléfica relativamente persistente que espíritos desencarnados e/ou encarnados, tão ou mais atrasados que nós podem exercer sobre a nossa vida mental. Muitas vezes, dentro do mesmo lar, da mesma família ou da mesma instituição, adversários ferrenhos do passado se reencontram. Chamados pela Esfera Superior ao reajuste, raramente conseguem superar a aversão de que se veem possuídos, uns à frente dos outros, e alimentam com paixão, no imo de si mesmos, os raios tóxicos da antipatia que, concentrados, se transformam em venenos magnéticos, suscetíveis de provocar a enfermidade e a morte. A obsessão espiritual é sintonia ou troca de vibrações afins. Allan Kardec define obsessão como a ação persistente que um Espírito inferior exerce sobre um indivíduo, apresentando caracteres variados, que vão desde a simples influência moral [sem sinais exteriores perceptíveis] até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. Ou seja, a obsessão é o encontro de forças inferiores retratando-se entre si. Importa lembrar nessa circunstância que há quadros de obsessões explodindo por todos os lados em todos os níveis, quais sejam de desencarnados para encarnados e vice-versa; de encarnados para encarnados, bem como dos desencarnados para desencarnados. Nosso mundo mental rege a vida que nos é peculiar em todas as suas dimensões, contudo, nos encontramos ainda no início do entendimento das implicações da força mental, do significado e abrangência das construções mentais na vida.

O pensamento exterioriza-se e projeta-se, formando imagens e sugestões que arremessa sobre os objetivos que se propõe atingir. Quando benigno e edificante, ajusta-se às Leis que nos regem, criando harmonia e felicidade, todavia, quando desequilibrado e deprimente, estabelece aflição e ruína. A química mental vive na base de todas as transformações, porque realmente evoluímos em profunda comunhão telepática com todos aqueles encarnados ou desencarnados que se afinam conosco. Nosso mundo mental é como um céu, mas, do firmamento descem raios de sol e chuvas benéficas para a vida planetária, assim como no instante do atrito de elementos atmosféricos, desse mesmo céu procedem faíscas destruidoras. Da mesma forma funciona a mente humana. Dela se originam as forças equilibrantes e restauradoras para os trilhões de células do organismo físico; mas, quando perturbada, emite raios magnéticos de alto teor destrutivo para nossa estrutura psíquica. Allan Kardec redarguiu dos Espíritos, na questão 466, do Livro dos Espíritos, por que permite Deus que os obsessores nos induzam ao mal? - Os Benfeitores explicaram: "Os Espíritos imperfeitos são instrumentos destinados a experimentar a fé e a constância dos homens na prática do bem. Como Espírito, deveis progredir na ciência do infinito, razão por que passais pelas provas do mal, a fim de chegardes ao bem. Nossa missão é a de colocar-vos no bom caminho e, quando más influências agem sobre vós é que as atraís, pelo desejo do mal.

Os Espíritos inferiores vêm em vosso auxílio no mal, sempre que desejais cometê-lo; e só vos podem ajudar no mal quando quereis o mal. Então se vos inclinardes para o assassínio, tereis uma nuvem de Espíritos que vos alimentarão esse pendor. Entretanto, terás outros que procurarão influenciar-vos para o bem. Assim se restabelece o equilíbrio e ficais senhor de vós mesmos." Kardec, em O Livro dos Médiuns, diz que "as imperfeições morais dão acesso aos obsessores e o meio mais seguro de nos livrarmos deles é atrair os bons espíritos pela prática do bem". A obsessão é impotente diante de espíritos redimidos! E o que é um espírito redimido? É aquele que reconhece as suas limitações e, como enunciado pelo apostolo Paulo, sente a alegria de saber-se "matriculado na escola do

bem".

Em síntese, identificamos sempre na obsessão (espiritual) o resultado da invigilância e dos desvios morais. Para garantir-nos contra a sua influência urge fortalecer a fé pela renovação mental e pela prática do bem nos moldes dos códigos evangélicos propostos por Jesus Cristo, 'não esquecendo dos divinos conselhos do vigiai e orai."

Referências bibliográficas:

(1) Kardec, Allan. Evangelho Segundo o Espiritismo, Rio de Janeiro: Editora FEB, 2001 cap. V, item 25

(2) Dicionário Aurélio eletrônico; século XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0

(3) Xavier, Francisco Cândido. Nos Domínios da Mediunidade, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2001, Cap. Dominação Telepática

(4) Idem

(5) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos gb., 2003, perg. 6446- Kardec, Allan. O Livro dos Médiuns, Rio de Janeiro: Editora FEB, 1998 (Mateus 26:41;Marcos 14:38; Lucas 21:36 e I Pedro 5:8)."

Apometria e as práticas espíritas

"Mais vale repelir dez verdades que admitir uma só mentira, uma só teoria falsa".

Erasto (1)

Muitos confrades recorrem às instituições que praticam apometria, porque o "tratamento" é mais "forte". Afirmam. Os apômetras incautos, hipnotizados pelas trevas, mantêm esse tipo de atitude bizarra sob os aplausos das suas vítimas, psíquica e mentalmente aprisionadas.

Se a apometria é mais "forte" que a reunião de desobsessão, por que a omissão dos Espíritos Superiores? Por que eles se calam sobre o assunto? Curioso isso, não? O silêncio dos Espíritos Superiores é, sem dúvida, um presságio de que tal prática é de mau agouro, e, por isso mesmo, ela é circunscrita a poucos grupos que deveriam deletar o nome Espiritismo dos seus estatutos.

Para quem desconhece, garimpamos alguns filetes de ouro que encontramos nas proposições dessa tal "avançadíssima terapia". Os apômetras confirmam que "a apometria é mais fraterna, por ser mais eficaz".(2) Atua no cerne da obsessão e, com visão de conjunto, pode auxiliar a medicina do futuro na cura holística. (Sic)

Estertoram nas roucas vozes que "a apometria acelera, com qualidade, os morosos atendimentos desobsessivos que, ainda, são realizados em muitas casas de nosso país".(3) (pasmem!) Gritam que "o êxito da apometria reside na utilização da faculdade mediúnica, para se entrar em contato com o mundo espiritual de maneira mais fácil e objetiva, sempre que se quer. Pode, pois, ser utilizada como técnica eficaz no tratamento das obsessões e a eficácia acontece em virtude de os Espíritos protetores estarem no mesmo plano dos assistidos, podendo, portanto, agir com maior profundidade e mais rapidez". (Que

coisa, hein!?) Desconhecem, tais confrades, que "a cura das obsessões graves requer muita paciência, perseverança e devotamento." (4) Nossa consciência doutrinária não aceita tanta facilidade - visto que não admitimos seja possível uma transformação tão rápida em Espíritos que cultivam o ódio tão intensamente.

Não satisfeitos, difundem outra pérola: "Os diagnósticos são muito mais precisos e detalhados; (5) as operações astrais são executadas com alta técnica e com o emprego de aparelhagem sofisticada de hospitais muito bem montados em regiões elevadas do Astral Superior. Por ressonância vibratória, o desencarnado recebe certo alívio, uma espécie de calor benéfico que se irradia do corpo vital, mas causa no encarnado o mal-estar de que este se queixa".

Locupletam-se de êxtase com o achado aurífero e afirmam: "na medida em que a humanidade evolui, os véus do desconhecido vão se descortinando e o conhecimento das leis espirituais, que antes era privilégio de poucos, vai sendo revelado, abertamente, aos pesquisadores isentos de preconceitos".

Distantes do regime da lógica, os apômetras proclamam falácias cristalinas do tipo: "Do ponto de vista do Budismo e da Teosofia, os veículos de manifestação da consciência (holossoma) são divididos em sete. Já na ótica do espiritualismo, do Espiritismo heterodoxo (sic) e da Conscienciologia (entre outras linhas de pensamento mais novas), há apenas três veículos (os corpos físico, astral e mental), sendo o energético (duplo etérico ou energossoma) apenas um invólucro que não (com) porta a consciência". (6)

Analisemos esta outra afirmação deles: "A apometria trabalha com sintonia. Não incorpora egos. Não incorpora veículos de manifestação da consciência. Uma vez encerrado o atendimento na casa apométrica, a sessão apométrica pode continuar no astral, a exemplo do que ocorre com sessões espíritas convencionais".(7) (Entenderam? Pois é!) E esta aqui: "com a ajuda dos amparadores extrafísicos (mentores) da sessão apométrica, a sensibilidade espiritual do médium permite uma sintonia com determinada faixa consciencial do

paciente e que faça varredura bioenergética e psicométrica em seus chacras, nádis, parachacras e paranádis". (?)

Divaldo Franco admoesta sobre a esquisitice de se colocar "obsessores em cápsulas espaciais" e os dispararem para o mundo da erraticidade. "Não iremos examinar a questão esdrúxula desse comportamento, mas, se eu, na condição de espírito imperfeito que sou, chegasse desesperado a um lugar, pedindo misericórdia e apoio na minha loucura, e outrem, o meu próximo, me exilasse para o magma da Terra, para eu experimentar a dureza de um inferno mitológico ou ser desintegrado, eu renegaria aquele Deus que inspirou esse adversário da compaixão. Ou, se me mandasse em uma cápsula espacial para que fosse expulso da Terra... Com qual autoridade? Quando Jesus disse que o seu reino é dos miseráveis?" (8)

Obsessores retirados do campo mental do obsidiado "a fortiori" e enviados a "outros planetas", ou a estranhos locais ou dimensões extrafísicas, reafirma que, entre os ludibriados apômetras, há grotesca falta de conhecimento da Doutrina Espírita. Acautelemo-nos, pois não basta assiduidade à Casa Espírita. É indispensável que estudemos Kardec com muita seriedade e persistência. Os enunciados contidos na Codificação exigem cautela ao interpretá-los e, sobretudo, humildade ao exercê-los.

Observem o que encontramos neste trecho: "Os que preferem o método clássico de doutrinação religiosa, entronizado ao longo do século XX nos centros espíritas e espiritualistas brasileiros, criticam a Apometria, porque esta não "evangeliza" o espírito obsessor. Todavia, em complexas obsessões espirituais, a tentativa de "evangelizar", "sensibilizar" ou "conscientizar" o espírito obsessor, não surte efeito. Evangelizar magos negros é tão eficaz quanto ensinar lições de fraternidade a um psicopata". E eles concluem desta forma o raciocínio: "Seria "mais fraterno" deixar os pacientes com os chips trevosos e os magos negros e seus asseclas soltos, fazendo o que fazem? Analogamente, seria mais fraterno se nossos policiais não portassem armas de fogo, pois poderiam ferir os bandidos que nos assaltam e nos matam? A correlação

é a mesma".(9) (aspas, destaque, etc., tudo, por conta dos apômetras).

O tribuno baiano recorda que "A nossa tarefa é de iluminar, não é de eliminar. O espírito mau, perverso, cruel é nosso irmão na ignorância".(10) A rigor, o uso de energia para afastar obsessores, sem a necessária reforma íntima, indispensável à libertação real dos envolvidos nos dramas obsessivos, contradiz os princípios básicos do Espiritismo, pois, o simples afastamento das entidades rancorosas não resolve a questão. Por essa razão, a apometria, especialmente por suas leis e rituais, não é técnica que se enquadra nos princípios doutrinários espíritas, não sendo, portanto, uma prática recomendável na casa espírita.

Nesse mundo da fantasia da apometria, encontramos uma esmeralda. Vejamos essa: "A principal característica da Apometria radica na abrangência de sua assistência espiritual. A Apometria investiga o corpo astral do paciente, seu habitat (ambiente doméstico e/ou profissional), obsessores locais e não locais (baseados em outros níveis do umbral). É muito mais poderosa que o passe e a doutrinação convencionais. Detecta e retira equipamentos extrafísicos mecânicos e eletrônicos (paratecnologia) do psicossoma (corpo astral) dos pacientes. Os passes não são meios suficientes nem instrumentos exclusivos para a retirada de chips extrafísicos dos pacientes. Em determinadas circunstâncias, remédios homeopáticos de alta potência destroem ou descolam equipamentos extrafísicos aderidos à aura ou ao psicossoma do paciente. Há uma prática bioenergética chamada "MBE" (mobilização básica energética) (sic) bastante eficiente na destruição de implantes de paratecnologia negativa. A maioria da humanidade é imatura consciencialmente (crianças espirituais): não lê, não estuda, não faz práticas bioenergéticas."(11) (!?) (ficamos verdes, com uma tremenda sensação de impotência diante disso tudo).

Como se observa, os apômetras adotam terminologias diversas daquelas utilizadas pela Doutrina Espírita e conceitos de crenças orientais. Além disso, seus arrazoados batem de frente com o bom senso kardeciano. Que saibamos, não houve manifestações sobre o tema em várias partes do mundo, por

meio de médiuns conceituados. Devemos considerar, portanto, que não houve o Controle Universal dos ensinos da técnica, como preconizava Kardec.(12)

Os termos utilizados pelos apômetras impressionam, realmente, os desavisados. Senão, vejamos: "salto quântico, spin, despolarização de memória, campos magnéticos, chips astrais, contagem em português ou grego e pulsos energéticos. As percepções espirituais dos médiuns de suporte das seções de Apometria se dão por clarividência objetiva, intuitiva ou mental. Em diapasão mental adequado, atingem potência quadrática (elevada ao quadrado), em que dez trabalhadores afinados, e em alta sinergia, valem por cem pessoas (o que também se aplica a outros grupos). Daí a importância do grupo apômetra desenvolver aguçado nível técnico, mediúnico e sinérgico".(13)

A essa altura do artigo, os apômetras devem estar horrorizados, dizendo entre si: - O Jorge Hessen deve ter vários chips astrais incrustados no perispírito, deteriorando seu raciocínio... Mas não estamos sós nesse pensamento. Veja o que nosso irmão Divaldo Franco, durante uma larga entrevista concedida no programa Presença Espírita da Rádio Boa Nova, de Guarulhos (SP), em agosto/2001, afirmou: "Não irei entrar no mérito, nem no estudo da apometria, porque eu não sou apômetra, eu sou espírita. O que posso dizer é que a apometria, da forma como os apômetras interpretam, não é Espiritismo, porquanto as suas práticas estão em total desacordo com as recomendações de "O Livro dos Médiuns".(14) Com essas esdrúxulas práticas, abrem-se precedentes graves para a implantação de rituais, totalmente inaceitáveis na prática espírita, que é, fundamentalmente, a doutrina da fé raciocinada. Na prática e nos métodos de libertação dos obsessores, a violência que ditos métodos apresentam, a mim pessoalmente, parece-me tão chocante, que me faz recordar a Lei de Talião, que Moisés suavizou com o Código Legal e que Jesus sublimou através do amor. (...) (15)

Eis o que pensamos a respeito do assunto. Nossos argumentos são por demais consistentes, pois se baseiam em estudos e experiências kardecianas. De nossa parte, sem

estrangulamento de qualquer linha de raciocino, acreditamos ser a apometria um método supostamente terapêutico que se pode estudar longe das hostes espíritas para ser melhor avaliado. Desobsessão é coisa séria e não admite placebos inócuos.

Concluímos com a severa admoestação: "Se alguém prefere a apometria, divorcie-se do Espiritismo. É um direito! Mas não misture, para não confundir. (...)". (16)

Referências bibliográficas:

(1) Kardec, Allan. O Livro dos Médiuns, Ed. FEB, cap. XX, item 230, p. 292.

(2) www.comunidade-espiritual.com

(3) Disponível em http://aumpram.org.br/apometria.html. Acesso em 15-03-08.

(4) Kardec, Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1998, Cap. 28, item 84.

(5) Disponível em www.geocities.com/Vienna/Strasse/5774/atend.htm. Acesso em 18-03-08.

(6) www.comunidade-espiritual.com

(7) Disponível em http:// harmonizacaoambiental.blogspot.com (8) Entrevista, de Divaldo Pereira Franco no programa Presença Espírita da Rádio Boa Nova, de Guarulhos (SP), em Agosto/2001.

(9) Disponível em http://harmonizacaoambiental.blogspot.com

(10) Entrevista, de Divaldo Pereira Franco no programa Presença Espírita da Rádio Boa Nova, de Guarulhos (SP), em Agosto/2001.

(11) http://www.comunidade-espiritual.com/

(12) Kardec utilizou na Codificação do Espiritismo o "Controle universal do ensino dos Espíritos", conforme se lê em "O Evangelho segundo o Espiritismo", Introdução, item II - AUTORIDADE DA DOUTRINA ESPÍRITA".

(13) Idem.

(14) Entrevista, de Divaldo Pereira Franco no programa

Presença Espírita da Rádio Boa Nova, de Guarulhos (SP), em Agosto/2001.

(15) Idem.

(16) Idem.

Imprensa espírita

Iniciaram-se as civilizações com a imprescindível necessidade da comunicação, recorrendo ao mecanismo da palavra falada. O grande salto da comunicação humana consubstanciou-se na imprensa (palavra escrita), cujo mestre foi Johannes Gutenberg, considerado 'O Pai da arte tipográfica mecânica'. Quatro séculos após a descoberta desse notável personagem alemão, Allan Kardec advertia contra o proselitismo enfadonho, recomendando, porém, a divulgação dos princípios doutrinários com base no bom senso.

Destarte, a imprensa espírita atual merece o apoio e o incentivo dos espíritas. Não há como desconhecermos a importância da divulgação espírita para a manutenção da chama viva da Terceira Revelação. Atualmente, tornar-se-ia impossível enumerar e/ou nomear todos os veículos de difusão espírita existentes no mundo. No Brasil, considerado o maior país espírita do mundo - em extensão e abrangência, e em número de adeptos - há um sem número de publicações escritas, bem como centenas de emissoras de rádio e televisão, veiculando informações espíritas, além da existência de milhares de sites da Web, de teor espírita, sendo injetados na Rede.

Percebe-se que, quanto mais se expande o ciberespaço, mais se amplia o universo espírita. A Imprensa Espírita constitui um dos exponenciais instrumentos de disseminação dos preceitos espíritas na Terra, encerrando todas as possibilidades e todos os meios de comunicação atuais e os que vierem a ser criados ou aperfeiçoados. "A imprensa espírita cristã representa um veículo de disseminação da verdade e do bem." (1) Vivemos momentos em que a informação espírita é vital para a sociedade. "O conhecimento espírita, na essência, é tão importante no reino da alma, quanto a alfabetização nos

domínios da vida comum". (2) O jornalismo espírita é um notável canal de divulgação, capaz de conduzir o leitor às informações fundamentais da nossa realidade doutrinária, balizando-o, vigorosamente, em efetivos projetos de espiritualização. Destarte, é mister que esse jornalismo espírita esteja compromissado com a ética, com a verdade conceitual da nossa doutrina e com a melhor qualidade dos temas publicados.

Melhoria, essa, que não deve ser considerada apenas a "beleza externa", com impressão gráfica policrômica, mas, sobretudo, o conteúdo (mensagens). Urge arrostar desafios e ter capacidade de informar sobre os fatos e os preceitos kardecianos, de forma a colaborar com o leitor em sua consciência crítica. Isto é logrado através da melhor compreensão dos objetivos do jornal e do modo como o jornal deve ser produzido. Os Editores precisam "sistematicamente despersonalizar, ao máximo, os conceitos e as colaborações, convergindo para Jesus e para o Espiritismo o interesse dos leitores"(3) sem perder de vista a seleção dos escritos que precisam ter "clareza, concisão e objetividade, esforçando-se pela revisão severa e incessante, quanto ao fundo e à forma, de originais que devam ser entregues ao público".(4) Porém, lamentavelmente, existem órgãos de imprensa espírita que mais não fazem senão aguçar a vaidade dos dirigentes das instituições, publicando periodicamente suas fotos e nomes, numa demonstração de total ausência de humildade. A propaganda doutrinária para fazer prosélitos não é a necessidade imediata da Doutrina, até porque "a direção do Espiritismo, na sua feição de Evangelho redivivo, pertence ao Cristo e seus prepostos, antes de qualquer esforço humano, precário e perecível".(5) Desta forma, toda cautela ainda é pouco para que a veiculação dos preceitos doutrinários não venha a se converter em ingente esforço de propagação ideológica, a fim de converter a todos, sob o guante da insensatez dos espiritismos particulares!

Quanto mais cresça em moralidade a imprensa espírita, mais distantes estarão e menos sucesso terão os arautos das interpretações polemizantes, sem outro propósito que não o de

indispor, de desarmonizar e desunir. Eis o motivo - segundo cremos - pelo qual, existe tanto vedetismo nessa área, tanta vaidade, tantos interesses pessoais se sobrepondo ao coletivo. Lamentamos os periódicos que preenchem suas páginas com mensagens repetitivas e com artigos que pouco acrescentam. Não são muitos os órgãos difusores do Espiritismo que se propõem a apontar problemas doutrinários e indicar soluções. A grande maioria prefere vender a imagem de um mundo de ilusões e de maravilhas que só o Espiritismo pode oferecer, induzindo seus leitores ao entorpecimento da razão. Poucos são os articulistas e oradores que têm o ânimo e a coerência de se colocarem em defesa do restabelecimento da verdade e do espírito crítico no meio espírita. Isto salta à vista, já que quanto mais esclarecimento, menos idolatria, e como o espírito do mundo é muito forte, é preferível "agradar" a todos, a "desagradar" a grande platéia de espíritas idólatras, mantendo-se, apenas, na condição de contemporizador. A Doutrina Espírita precisa de seu jornalismo. Não foi sem lógica que, em 1858, Allan Kardec recebeu anuência dos Benfeitores para iniciar a edição da Revista Espírita; não é sem razão que a imprensa espírita cresce e se desenvolve, pois, na mesma proporção em que uns periódicos se extinguem, outros surgem.

Na Revista Espírita de maio de 1863, Kardec conta que, certa vez, tinha recebido três mil mensagens de várias partes da Europa, aguardando uma possível publicação; selecionou cem que continham temas de moralidade inatacável. Fez nova triagem e, das cem, chegou a trinta, realmente de ótimo valor estético e moral. Porém, das trinta mensagens, só cinco apresentavam real valor para obterem espaço na Revista Espírita. É bom refletirmos sobre isso!Consideração e homenagem à virtude, ao talento, à coragem, às boas ações dos verdadeiros jornalistas espíritas e seus periódicos imunes ao endosso às práticas antidoutrinários; que sigam avante na tarefa de amor às letras do Consolador, que fazem vibrar corações e jubilam os espíritas que a elas se consagram.

Referências bibliográficas:

(1) Xavier, F.C. Conduta Espírita, RJ: Editora FEB, 1989, cap. 14, ditada pelo Espírito André Luiz.

(2) Xavier. F.C.Sol Nas Almas, MG: Editora CEC, 1989

(3) Xavier, F.C. Conduta Espírita, RJ: Editora FEB 1989, cap. 14, ditada pelo Espírito André Luiz

(4) Idem Ibidem

(5) Xavier, F.C. Conduta Espírita, RJ: Editora FEB, 1979, cap. IV pergunta 218, ditada pelo Espírito Emmanuel